



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS



TAIANA DA SILVA LIMA

***O QUE VOCÊ ACHA DO FALAR NORDESTINO?:* CRENÇAS E ATITUDES
LINGUÍSTICAS DE UNIVERSITÁRIOS NÃO NORDESTINOS DO CAMPUS DO
SERTÃO DA UFAL**

DELMIRO GOUVEIA – AL
2019

TAIANA DA SILVA LIMA

***O QUE VOCÊ ACHA DO FALAR NORDESTINO?: CRENÇAS E ATITUDES
LINGUÍSTICAS DE UNIVERSITÁRIOS NÃO NORDESTINOS DO CAMPUS DO
SERTÃO DA UFAL***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras/Língua Portuguesa do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), sob orientação do Professor Mestre Cezar Alexandre Neri Santos, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

DELMIRO GOUVEIA – AL
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

L732o Lima, Taiana da Silva

O que você acha do falar nordestino?: crenças e atitudes linguísticas de universitários não nordestinos do Campus do Sertão da UFAL / Taiana da Silva Lima. – 2019.

77 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Linguística. 2. Dialetos nordestinos. 3. Nordeste – Brasil. 4. Atitudes linguísticas. 5. Crenças linguísticas. 6. Universidade Federal de Alagoas - UFAL. 7. Campus do Sertão. I. Título.

CDU: 81'286(812/813)

Folha de Aprovação

TAIANA DA SILVA LIMA

**O QUE VOCÊ ACHA DO FALAR NORDESTINO?: CRENÇAS E ATITUDES
LINGUÍSTICAS DE UNIVERSITÁRIOS NÃO NORDESTINOS DO CAMPUS DO
SERTÃO DA UFAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como requisito final para obtenção do título de licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. Aprovado em: 10 de abril de 2019.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos – UFAL/ Campus do Sertão (PRESIDENTE)



Prof.^a Dr.^a Suzana Santos Libardi – UFAL/ Campus do Sertão (EXAMINADORA EXTERNA)



Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho – UFAL/Campus do Sertão (EXAMINADOR INTERNO)

À minha mãe Maria de Lourdes Rodrigues da Silva Lima, ao meu pai Ronácio Lima Barros, aos meus irmãos Taciana da Silva Lima, Tiago da Silva Lima e Talvane da Silva Lima, e ao meu marido Heitor Feitoza da Silva, consagro este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Durante o ensino médio sonhava em trilhar uma graduação. E todos os que percorreram este trajeto comigo foram importantes para que este momento acontecesse. Neste espaço, agradeço àqueles que me ajudaram, direta ou indiretamente.

Inicialmente, agradeço a Deus pelo dom da Vida, pela inteligência, por todas as coisas que colocou em meu caminho. Obrigada Senhor, por este momento grandioso de luz única, pela fé e força que me destes em todos os momentos da minha vida.

Ao meu esposo Heitor Feitoza, que acompanhou meu esforço e dedicação. Obrigada, por sempre se mostrar compreensivo, por me incentivar e apoiar nos momentos de angústias. Sinto-me grata e orgulhosa por te ter ao meu lado. Amo-te!

A meus Pais, Ronácio e Maria de Lourdes, por todos os ensinamentos, incentivos, preocupações e esforços para que eu concluísse essa fase da vida. Meu respeito e amor por vocês são imensuráveis!

Aos meus Irmãos! Agradeço a Tiago Lima e a Talvane Lima por todas as vezes que me ajudaram... A torcida de vocês me deu forças para chegar até aqui. Amo vocês!

À minha Irmã, Taciana Lima, por ter sido a minha maior incentivadora, por acreditar em mim e ser minha eterna cúmplice. Taci, você é a minha maior inspiração. Obrigada por tudo que você fez e faz por mim. Amo-te!

A meus avós! Os maternos, Pedro e Natividade (Vovó Tiva) e os paternos, Francisco e Maria (Vovó Dulce), por torcerem por mim, meu respeito e gratidão por vocês são infinitos.

A todos os meus tios e tias, em especial, à minha Tia Ana Rodrigues. Obrigada, pelo encorajamento, pelo apoio e por toda ajuda. Amo você!

A todos os meus primos, aos “sobrinhos do coração” e aos afilhados, em particular, a Marcos Antônio (Vida), Rafael (Príncipe de Titia) e Mariana, sinto-me muito bem quando estou com vocês. Amo vocês, meus amores!

A meu orientador, Cezar Alexandre Neri Santos, por ter aceitado o meu convite para a orientação do presente trabalho, por toda paciência e competência. A sua contribuição foi singular. Agradeço-te pela confiança, dedicação e credibilidade.

A todos os mestres que compartilharam seus conhecimentos em sala de aula. Em especial, aos professores participantes da banca examinadora: Prof. Dr. Ismar Inácio e Prof.^a Dra. Suzana Libardi que dividiram comigo este momento tão esperado.

Aos meus colegas de curso, em especial, às cinco pessoas maravilhosas que levarei para a vida, Taciana Lima, Elisiana Bernardo, Mayara Barros, Thamires dos Santos e Elda Lidiane, por toda parceria e cumplicidade durante o período da graduação.

Agradeço às minhas colegas Camila Moraes e Elizangela dos Santos, por todo apoio nos períodos iniciais do curso.

Enfim, agradeço a todos que me incentivaram e apoiaram de forma direta e indireta.

RESUMO

Neste trabalho, descrevemos e analisamos crenças e atitudes linguísticas de universitários não nordestinos da Universidade Federal de Alagoas – *Campus do Sertão* (CS-UFAL) em relação a variedades do português brasileiro, em particular, de dialetos da região Nordeste. O município de Delmiro Gouveia, sede do CS-UFAL faz fronteira com os estados da Bahia, de Pernambuco e de Sergipe, recebendo alunos destes e de outros estados, inclusive de fora da região nordeste. O interesse em pesquisar a temática proposta surge a partir da necessidade de investigar que juízo(s) de valor graduando não nordestinos de uma universidade pública situada no sertão nordestino, estabelecem acerca do sertão e do Nordeste, em especialmente considerando seu povo, o lugar e seus falares. Para a interpretação dos dados, valemo-nos da coleta via questionário *online*, adaptado da proposta de Cardoso (2015), respondidos por uma população de sete sujeitos que se encaixarem aos requisitos de estratificação – no total, sete universitários, sendo cinco da região Sudeste, um da região Sul e um da região Norte. A principal variável social controlada foi a naturalidade dos informantes, que não deveriam ser naturais da região Nordeste. Tecemos a discussão do referencial teórico quanto às Crenças e Atitudes Linguísticas –, seguindo os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística (LABOV, 2008), assim como os estudos da Psicologia Social (LAMBERT; LAMBERT, 1966) e dos estudos sobre crenças e atitudes linguísticas (CIRANKA, 2007; CARDOSO, 2015), tomados sob uma abordagem quali-quantitativa. Por meio das respostas obtidas via questionário *online* aplicado nos anos de 2017 e de 2018, as avaliações subjetivas dos universitários não nordestinos acerca do dialeto nordestino permitiram interpretar aspectos linguísticos e extralinguísticos. Os resultados apontam que os sujeitos, antes de conhecerem a região nordeste, possuíam crenças e atitudes negativas acerca do sertão nordestino (pessoas, lugar e língua), construídas a partir das crenças de seus grupos sociais e principalmente da mídia, que, por sua vez, foram modificadas após os informantes conhecerem e residirem no sertão alagoano. E em relação à linguagem, os sujeitos atribuíram atitudes linguísticas positivas tanto aos dialetos de seus estados natais quanto aos dialetos nordestinos. Também foi possível detectar, por meio dos depoimentos, o reconhecimento da variação linguística existente no Português Brasileiro, principalmente, as variações diatópica e diastrática, e níveis linguísticos fonético-fonológico e lexical.

Palavras-chave: Crenças linguísticas. Atitudes linguísticas. Dialetos Nordestinos. UFAL – Campus do Sertão.

ABSTRACT

In this work, we describe and analyze the linguistic beliefs and attitudes of non-northeastern university students from the Federal University of Alagoas - Campus do Sertão (CS-UFAL) in relation to Brazilian Portuguese varieties, in particular dialects of the Northeast region. The municipality of Delmiro Gouveia, the headquarters of CS-UFAL, is bordered by the states of Bahia, Pernambuco and Sergipe, receiving students from these and other states, including from outside the northeast region. The interest in researching the proposed theme arises from the need to investigate that non-Northeastern undergraduate students from a public university located in the northeastern sertão establish about the sertão and the Northeast, especially considering its people, the place and its talks. For the interpretation of the data, we use the online questionnaire, adapted from the proposal of Cardoso (2015), answered by a population of seven subjects that fit the stratification requirements - in total, seven university students, five from the Southeast region, one from the South region and one from the North region. The main social variable controlled was the naturalness of the informants, who should not be natural in the Northeast region. We discuss the theoretical framework of Linguistic Beliefs and Attitudes - following the theoretical and methodological principles of Sociolinguistics (LABOV, 2008), as well as the studies of Social Psychology (LAMBERT, LAMBERT, 1966) and studies on linguistic beliefs and attitudes (CIRANKA, 2007; CARDOSO, 2015), taken under a qualitative-quantitative approach. Through the answers obtained through a questionnaire online applied in the years 2017 and 2018, the subjective evaluations of non-Northeastern university students about the Northeastern dialect allowed them to interpret linguistic and extralinguistic aspects. The results show that the subjects, before knowing the northeastern region, had negative beliefs and attitudes about the northeastern sertão (people, place and language), built on the beliefs of their social groups and mainly of the media, who, in turn, were modified after the informants knew and lived in the backlands of Alagoas. And in relation to language, subjects attributed positive linguistic attitudes both to the dialects of their home states and to the dialects of the Northeast. It was also possible to detect, through the testimonies, the linguistic variation existing in Brazilian Portuguese, mainly diatopic and diastrática variations, and phonological-phonological and lexical linguistic levels.

Keywords: Language beliefs. Linguistic attitudes. Northeastern dialects. UFAL - Sertão Campus

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1: Localização da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão..... | 33 |
|--|----|

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Perfil dos informantes da pesquisa..... | 39 |
| Quadro 2: Resultado das respostas à questão K..... | 45 |
| Quadro 3: Resultado das respostas à questão N..... | 47 |
| Quadro 4: Resultado das respostas à pergunta <i>Com quais falantes da região Nordeste você teve contato frequente?</i> | 49 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1: Resultado das respostas à pergunta <i>Qual período você está em 2017/2?</i> | 42 |
| Gráfico 2: Resultado das respostas em relação a naturalidade, cidade e estado..... | 42 |
| Gráfico 3: Resultado das respostas à questão G..... | 43 |
| Gráfico 4: Resultado das respostas à questão H..... | 44 |
| Gráfico 5: Resultado das respostas à questão M..... | 47 |
| Gráfico 6: Resultado das respostas à variável <i>bonita/feia</i> | 50 |
| Gráfico 7: Resultado das respostas à variável <i>chiado/não chiado</i> | 51 |
| Gráfico 8: Resultado das respostas à variável <i>cantado/não cantado</i> | 52 |
| Gráfico 9: Resultado das respostas à variável <i>claro/confuso</i> | 52 |
| Gráfico 10: Resultado das respostas à variável <i>agradável/desagradável</i> | 53 |
| Gráfico 11: Resultado das respostas à variável <i>importante/desimportante</i> | 54 |
| Gráfico 12: Resultado das respostas à variável <i>lento/rápido</i> | 54 |
| Gráfico 13: Resultado das respostas à variável <i>bonito/feio</i> | 55 |
| Gráfico 14: Resultado das respostas à variável <i>chiado/não chiado</i> | 56 |
| Gráfico 15: Resultado das respostas à variável <i>cantado/não cantado</i> | 56 |
| Gráfico 16: Resultado das respostas à variável <i>claro/confuso</i> | 57 |
| Gráfico 17: Resultado das respostas à variável <i>agradável/desagradável</i> | 58 |
| Gráfico 18: Resultado das respostas à variável <i>importante/desimportante</i> | 58 |
| Gráfico 19: Resultado das respostas à variável <i>lento/rápido</i> | 59 |
| Gráfico 20: Resultado das respostas à pergunta <i>Em sua opinião, a sua maneira de falar é mais bonita que a maneira de falar dos nordestinos?</i> | 60 |
| Gráfico 21: Resultado das respostas à pergunta <i>Ao entrar em contato com o falar dos universitários nordestinos, o quão diferente você considerou do seu dialeto natal/ do seu modo de falar?</i> | 61 |
| Gráfico 22: Resultado das respostas à pergunta <i>Em sua opinião, os dialetos de qual(is) falante(s) apresenta(m) um modo de falar bonito?</i> | 62 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------------|--|
| (CRCA) | Coordenadoria de Registros e Controle Acadêmico |
| (CS – UFAL) | Campus Sertão – Universidade Federal de Alagoas |
| (Enem) | Exame Nacional do Ensino Médio |
| (MEC) | Ministério da Educação |
| (Msc.) | Mestre |
| (PB) | Português Brasileiro |
| (PCNs) | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| (Prof.) | Professor |
| (REUNI) | Programa de Apoio à Planos de Reestruturação e Extensão das Universidades Federais |
| (S) | Sujeito |
| (Sisu) | Sistema de Seleção Unificada |
| (TCC) | Trabalho de Conclusão de Curso |
| (TCLE) | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| I. INTRODUÇÃO | 13 |
| II. CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS – REFERENCIAL TEÓRICO | 16 |
| 2.1 OS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS E O MITO DA UNIDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO | 16 |
| 2.2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: CARACTERIZAÇÃO..... | 20 |
| 2.3 COMO REAGIMOS À FALA DO OUTRO: PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA..... | 27 |
| III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 30 |
| 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E ESPACIAL DO SERTÃO ALAGOANO E DA UFAL-CAMPUS DO SERTÃO | 30 |
| 3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 35 |
| 3.3.1 A Coleta de dados | 36 |
| 3.3.2 Estratificação dos sujeitos da pesquisa..... | 38 |
| IV. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS | 40 |
| 4.1 PERFIL DOS INFORMANTES E CRENÇAS E ATITUDES SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO | 40 |
| 4.2 DIALETOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA | 51 |
| V. CONCLUSÕES | 66 |
| REFERÊNCIAS | 67 |
| APÊNDICE | 71 |

I. INTRODUÇÃO

A diversidade linguística é um fato presente em todos os grupos sociais e tem sido estudada sob variados aspectos. A Sociolinguística, vertente linguística que abrange a investigação de fenômenos que podem ser explicados por variáveis linguísticas e extralinguísticas, considera o caráter social da língua(gem). Tomando os pressupostos sociolinguísticos, este estudo objetiva descrever e analisar os depoimentos e as respostas de graduandos de um *campus* universitário da rede federal no nordeste brasileiro, intitulado *Campus do Sertão*, pertencente à Universidade Federal de Alagoas, doravante CS-UFAL.

Percebeu-se a necessidade de descrever como os falantes – nesta pesquisa, sujeitos de uma universidade pública situada no nordeste brasileiro – estabelecem juízo(s) de valor sobre a sua fala e a de Outros. Recentemente inaugurado, em 2010, este *campus*, com sede em Delmiro Gouveia, no sertão alagoano, e uma Unidade de Ensino em Santana do Ipanema, distante 80 quilômetros da sede, apresenta uma especificidade sócio-geográfica: a confluência de quatro unidades da federação no entorno do CS-UFAL: o município alagoano de Delmiro Gouveia faz fronteira com os estados da Bahia, de Pernambuco e de Sergipe, recebendo alunos destes e de alguns outros estados brasileiros. Na busca por registrar e compreender como diferentes grupos sócio-geográficos percebem fatos linguísticos, decidiu-se por investigar as crenças e atitudes linguísticas de um grupo específico dentre estes sujeitos universitários: os graduandos não nordestinos, buscando entender suas percepções acerca dos diferentes dialetos do Português brasileiro na região Nordeste.

Neste trabalho, descrevemos e analisamos crenças e atitudes acerca dos diferentes dialetos do Português brasileiro por parte de graduandos e de egressos do CS-UFAL de naturalidade não nordestina. Tivemos como objetivos específicos:

- Analisar a percepção dos informantes em relação a sua variedade dialetal e à variedade do outro;
- Registrar o “estranhamento linguístico/dialetal” dos sujeitos não nordestinos ao entrar em contato com dialeto(s) nordestino(s) do PB;
- Refletir sobre as atitudes linguísticas dos informantes no plano da aceitabilidade e do preconceito linguístico.

O *corpus* da pesquisa constituiu-se das respostas dadas por sete (7) universitários não nordestinos que são ou foram, em algum momento, graduandos do CS-UFAL. Foi intuito da

pesquisa, durante algum tempo, controlar duas variáveis extralinguísticas, a saber: i) a *modalidade de curso* (licenciatura e bacharelado), registrando relatos de alunos de todos os oito (8) cursos de graduação do CS-UFAL; e ii) *tempo de estadia no Sertão alagoano*, delimitando os sujeitos entre ingressantes ou concluintes. No entanto, foi inviável tal procedimento, pela falta de sujeitos que se adequassem aos critérios estabelecidos. Este foi, inclusive, um dos motivos para o longo tempo entre as primeiras entrevistas e o depósito do TCC: a insistência na busca por sujeitos que pudessem incorporar, minimamente, um número satisfatório de sujeitos pesquisados.

Os critérios válidos para a seleção destes sete sujeitos foram: i) não ser natural de algum dos nove estados do nordeste do Brasil; b) ter constituído residência no nordeste brasileiro, no máximo, dois anos antes de seu ingresso no CS-UFAL, o que permitiu excluir alunos que tenham apenas nascido noutra região do país, mas que vieram logo no início de suas vidas ao nordeste.

Como hipótese, crê-se que os informantes tendem a atribuir atitudes linguísticas positivas quanto a seus idioletos e às variedades dialetais dos estados de origem, onde foram alfabetizados, e uma relativa atitude linguística positiva a dialetos nordestinos. Por morarem, estudarem e/ou terem se adaptado ao “dialeto nordestino”, é possível que essa avaliação seja positiva. Também deve haver uma tendência a fugirem de respostas mais negativas e/ou preconceituosas pelo fator de inibição. Espera-se registrar certas características atribuídas ao dialeto e à cultura nordestina que provoca(ra)m estranhamento aos informantes e desencadeiam crenças e atitudes linguísticas, sejam negativas, positivas ou neutras. Além disso, é possível supor que a mídia tenha um grau de influência tanto em relação às crenças dos informantes quanto ao Nordeste e seu falar.

A pesquisa fundamenta-se na Sociolinguística, especialmente a chamada Sociolinguística de Terceira Onda (ECKERT, 2012), que é um campo de estudos que vêm ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas da área, por se tratar de estudos mais qualitativos, distanciando-se dos estudos de 1ª e 2ª onda, que tratam de uma abordagem quantitativa. A pesquisa bibliográfica foi norteadada pela compreensão de aspectos psicossociais (LAMBERT; LAMBERT, 1966) e pelos postulados e resultados de outras pesquisas no âmbito das crenças e das atitudes linguísticas, a exemplo de Aguilera (2008), Labov (2008), Guedelha (2011), Cardoso (2015), Freitag (2015), Morais e Andrade (2014), Ilari e Basso (2011), Marcos Bagno (2007), Alkmin (2008), Cyranka (2007), Bisinoto (2007), Barcelos (2006), Santos (1996) e Souza (2012). Quanto ao lócus de pesquisa do CS-UFAL,

verificamos três estudos anteriores acerca de crenças e atitudes linguísticas: os artigos de Vitório (2017) e de Neri-Santos (2017) e o TCC de Carvalho (2017).

A pesquisa tem caráter quali-quantitativo, realizada por meio de pesquisa bibliográfica e de campo. A coleta de dados se deu por meio de um questionário estruturado *online* – com questões abertas e de múltipla escolha – com convite direto aos sujeitos da pesquisa, após definição da estratificação e seleção. Valendo-se das seguintes abordagens: a) descritiva – levantamento dos dados coletados do questionário aplicado, com descrição das características do fenômeno em estudo –; b) explicativa – entendimento do fenômeno da percepção linguística –; e c) exploratória – pesquisa bibliográfica, que atribuiu embasamento teórico para a fundamentação do trabalho.

A composição do presente trabalho se deu em cinco partes. Além desta seção introdutória (I), temos a segunda seção (II), que discute a fundamentação teórica quanto às crenças e às atitudes linguísticas –, dividida em três partes: Os Estudos Sociolinguísticos e O Mito da Unidade do Português Brasileiro; Os Estudos Sobre Crenças e Atitudes Linguísticas; e Como Reagimos à Fala do Outro: Perspectiva Sociocognitiva. Na seção III, descrevem-se os procedimentos metodológicos, a justificativa e os objetivos da pesquisa, a contextualização histórico-geográfica do *locus*, um relato acerca da pesquisa de campo, o perfil dos sujeitos e o modelo do questionário. Na seção IV, promovem-se a descrição e a análise de dados por meio das respostas coletadas junto aos questionários *online* respondidos. Algumas respostas geraram, gráficos, tabelas e quadros como dados quantitativos e interpretações qualitativas. Por fim, nas Conclusões e Perspectivas (seção V), respondem-se às hipóteses levantadas na Introdução, alinhando os objetivos e os resultados obtidos.

II. CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS – REFERENCIAL TEÓRICO

Todo falante atribui julgamentos sobre pessoas, objetos, comportamentos, enfim, sobre atos e estados. Neste estudo, focamos nas percepções feitas no âmbito dos falares de uma língua, envolvendo tanto o próprio dialeto quanto o de Outros¹.

Apresentamos algumas discussões que estão atreladas às crenças e às atitudes linguísticas. Discutimos inicialmente o mito da unidade do português brasileiro, com o objetivo de evidenciar alguns fatores que desencadeiam e desmistificam essa questão, pois toda e qualquer língua apresenta variações em sua estrutura.

2.1 OS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS E O MITO DA UNIDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Um tipo de avaliação linguística muito frequente é em relação a variação diatópica, também conhecida como espacial, regional ou geográfica, por exemplo: carioquinha, pão de sal, pão aguado, cacetinho apresentam o mesmo valor de verdade, isto é, significam a mesma coisa, porém recebem a nomenclatura de acordo com a região em que estejam inseridos, e tendem a ter uma avaliação seja positiva, negativa ou neutra, por parte dos falantes da língua.

O tratamento das línguas como um sistema fechado, homogêneo e uniforme em sua estrutura tem sido uma ação contestada há décadas dentro dos estudos linguísticos. Desta perspectiva, nasceram os postulados da Sociolinguística, que busca estabelecer as relações entre língua e sociedade desde a década de 1960, e tem como pioneiro o linguista americano William Labov. Esses estudos destacam que a língua está sujeita a sofrer variações e, conseqüentemente mudanças, por diversos aspectos sociais e linguísticos, sendo que duas ou mais formas linguísticas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor de verdade/significado.

Ao levar em consideração o uso real da língua e sua diversidade linguística propostos por essa corrente, é incompatível tomar o sistema do português brasileiro como único. Para Ilari e Basso (2011),

[...] a uniformidade do português brasileiro é (...) um mito, para o qual contribuíram: 1) uma certa forma de nacionalismo; 2) uma visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta; e 3)

¹ A palavra está grafada com letra maiúscula com o objetivo de evidenciar o aspecto da alteridade: o Eu se configura no sujeito-informante do CS-UFAL, um não nordestino, e o Outros representam tanto os universitários nordestinos do CS-UFAL quanto os falantes da região Nordeste.

uma certa insensibilidade para a variação, contrapartida do fato de que os falantes se adaptam naturalmente a diferentes contextos de fala (...) o português brasileiro não é língua uniforme (...) essa ideia, além de falsa, é pouco interessante, porque nos torna incapazes de lidar com situações que afetam corretamente o uso da língua e seu ensino (ILARI; BASSO, 2011, p. 151).

Na perspectiva sociolinguística, a língua varia não por acaso, mas sim, por fatores linguísticos (componentes internos da língua) e extralinguísticos (origem geográfica, idade, sexo, grau de escolarização, *status* sócio-econômico) que implicam no processo da variação (LABOV, 2008; CEZARIO; VOTRE, 2011). Portanto, a variação não ocorre através de um sistema, que seguem regras/normas, ao contrário, ocorre por meio das necessidades comunicativas dos falantes.

A variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos [...] A variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática (CEZARIO; VOTRE, 2011, p. 141).

Sendo assim, não reconhecer a variação linguística é sinônimo de negar a língua em uso, pois ela se manifesta sob diferentes variáveis, tais como: *diacrônica*, *diageracional*, *diatópica*, *diastrática* e *diamésica*, destacadas a seguir.

A variação diacrônica se dá através do tempo, então, todas as línguas estão sujeitas a passarem por esse tipo de variação, pois a língua é dinâmica e sofre transformações ao longo do tempo. Um exemplo deste tipo de variação é a ortografia e o som: a palavra “farmácia” já foi escrita com <ph> (pharmácia), que tinha som equivalente ao [f].

A variação diageracional diz respeito à faixa etária do informante. De acordo com Paim (2014),

O interesse no estudo da identidade social diageracional decorre do fato de o léxico permitir a observação da leitura que uma comunidade realiza de seu contexto e a preservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade (PAIM, 2014).

A variação diastrática ou variação social está associada à diferença de cultura e hábitos apresentados por grupos sociais distintos. Neste tipo de variação, levam-se em consideração as seguintes variáveis: classe e contexto social, faixa etária, sexo, grau de escolaridade; etc. Segundo Cezario e Votre (2011),

Na dimensão propriamente social estão as diferenças linguísticas verificadas com a comparação entre o dialeto padrão – considerado correto, superior, puro – e os dialetos não padrão – considerados incorretos, inferiores, corrompidos. A variante padrão é ensinada na escola e valorizada pelos membros da sociedade, tanto pelos que a dominam como pelos que

gostariam de dominá-la, posto que sabem da sua importância para se adquirir prestígio (CEZARIO; VOTRE, 2011, p. 145).

A variação diamésica é aquela que estuda as diferenças entre a língua escrita e a língua falada, e está “associada ao uso de diferentes meios ou veículos” (ILARI; BASSO, 2011, p. 180). Geralmente a língua falada apresenta mais informalidade em relação à língua escrita. A primeira acontece de acordo com a necessidade do contexto: mais formal ou menos formal. Já a língua escrita busca seguir um padrão/norma, que é estabelecido pela gramática normativa/tradicional, mas também não está livre de apresentar variação. O princípio fundamental da língua é a comunicação e os falantes fazem (re)arranjos linguísticos de acordo com suas necessidades comunicativas, contextuais e sociais, conseqüentemente a língua oferece mais de uma possibilidade de expressar algo com o mesmo valor semântico-enunciativo.

A variação diatópica é a diferença que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, isto é, a variação ocorre “entre cidades, estados, regiões ou países diferentes” (CEZARIO; VOTRE, 2011, p. 144). Neste tipo de variação, diferentes palavras são utilizadas para dizer a mesma coisa (por exemplo: macaxeira, aipim e mandioca significam a mesma coisa, porém recebem as nomenclaturas, de acordo com a região em que estejam inseridas) ou palavras iguais que significam coisas diferentes (por exemplo: cabra – significa em alguns lugares/regiões feminino de bode, mas, na região nordeste, além de apresentar este significado, apresenta o conceito de homem, rapaz, cabra macho). A variação diatópica pode dizer respeito tanto ao léxico (vocabulário) quanto aos traços de pronúncia/sotaques (fonética) ou significados das palavras (semântica).

Ao longo do tempo, a língua portuguesa no/do Brasil tem sofrido inúmeras transformações, seja através do contato com outras línguas da colonização, pela influência da língua dos imigrantes, pelas necessidades e distâncias regionais ou pelo fenômeno da globalização, dentre outros. Sendo assim, atribuir uma homogeneidade ao que chamamos português brasileiro (PB) é equivocado, pois significa que os falantes do país a utilizam da mesma maneira, excluindo, assim, a diversidade linguística.

A diversidade linguística não é exclusiva do PB, mas um fato comum a todas as línguas naturais, concluindo-se que a uniformidade linguística é uma falácia. Um exemplo disso é que a língua portuguesa advém da língua latina, modificada no tempo e no espaço. Bagno (2007) destaca que o mito da unidade do português brasileiro alimenta o preconceito linguístico, estando arraigado em diversos campos, a exemplo da mídia e da escola.

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. [...] (BAGNO, 2007, p. 15).

Na escola, por exemplo, a normatividade lingüística, que prescreve regras gramaticais, tem historicamente dominado o ensino de língua materna e excluído as variedades lingüísticas, a ponto de hierarquizarmos normas lingüísticas, tais como: a norma culta e a norma padrão. Faraco (2008, p.64) define a norma culta como “uma concepção que apequena a língua, que encurta sua riqueza, que não percebe (por conveniência ou ignorância?) que o uso culto tem abundância de formas alternativas e não se reduz a preceitos estreitos e rígidos.” Assim, a norma é utilizada por grupos de pessoas de elite, com elevado nível de escolaridade. Em relação a norma padrão, Faraco (2008, p.73), diz que “é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização lingüística”. Posto isto, percebe-se que a norma padrão é a variedade de língua ensinada nas escolas, por ser considerada uma variante de maior prestígio social, uma língua “modelo”, idealizada.

Percebemos a necessidade de trabalhar a variação lingüística em sala de aula, de modo a apresentar a heterogeneidade do PB, tomando uma postura realista perante a língua(gem), ao ensino, aos alunos e ao reconhecimento dos processos formativos que ocorrem fora do ambiente escolar. Uma ação como esta, conseqüentemente, também ajuda a promover a valorização da diversidade lingüística e cultural.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destacam que,

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade lingüística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades lingüísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades lingüística, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mais ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla lingüística, isto é, em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades lingüísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais (BRASIL, 1998, p. 29).

No excerto acima, os PCNs citam as variações fonológica, semântica, morfológica e sintática. Posto isto, os PCN's (1998) admitem a existência da heterogeneidade do português brasileiro e a necessidade de destacar esse aspecto no processo de ensino-aprendizagem, sendo papel da escola ensinar as variações linguísticas e as situações de uso socialmente situadas.

Em síntese, a unidade do português brasileiro é uma falácia, pois a língua em uso apresenta vários tipos de variações. Não reconhecer as variantes linguísticas é afirmar que a língua é estável e não sofre modificações em diversos níveis – temporal, sócio-econômico, geográfico, contextual etc. Pelo contrário, a estrutura linguística é flexível e se adequa às necessidades comunicativas dos falantes.

Na seção seguinte, apresentamos como os estudos sociolinguísticos se valem de postulados teóricos da Psicologia Social para debater aspectos das crenças e das atitudes linguísticas.

2.2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: CARACTERIZAÇÃO

O estudo das crenças e das atitudes linguísticas “tem buscado entender o fenômeno da variação a partir da consciência que o usuário da língua tem diante do seu idioma ou da sua variante” (LOURENÇO, 2014, p. 1). Há um número crescente de pesquisas nessa área, como pontuam Eckert (2012) e Freitag (2015). Tais estudos têm feito parte do que Eckert (2012) intitulou estudos sociolinguísticos de terceira onda. Freitag (2015) assim descreve essas ondas de análise:

Os estudos de 1ª onda visam identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas [...] de 2ª onda também tomam como amostra comunidades de fala e visam identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas em abordagem quantitativa [...] de 3ª onda continuam quantitativos, valendo-se da experiência metodológica das ondas anteriores. [...] É uma proposta de retomada do significado social da variação, mudando o foco da estrutura para a prática linguística (FREITAG, 2015, p. 4).

Portanto, Freitag, ao citar Eckert (2012), descreve que a terceira onda sociolinguística tende a estudos mais qualitativos, vinculados os estudos de crenças e atitudes, que tentam entender a comunidade de fala de forma mais analítica que descritiva.

A área da Dialectologia surgiu no século XIX e trata do estudo dos dialetos e das fronteiras dialetais, tanto geográficas como sociais, apresentando algumas características encontradas nos estudos sociolinguísticos como a língua falada e o uso linguístico, reconhecendo a heterogeneidade da língua. Esse campo de estudo foca nas fronteiras entre

variedades a partir de dado traço linguístico, portanto, interessa-se pelos fatores que condicionam a variação diatópica. Cardoso (2010, p. 15), define a dialetologia como “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Sobre algumas diferenças entre a Sociolinguística e a Dialetologia, que são complementares, Lopes et al. (2016) destacam:

[...] a Sociolinguística e a Dialetologia –, as quais têm como foco de estudo a descrição e a sistematização da heterogeneidade da língua. Esses dois ramos da Linguística diferenciam-se entre si por questões de prioridades, pois, enquanto, no primeiro, a ênfase está na explicação do funcionamento da língua em relação a fatores sociais e linguísticos, procurando explicitar as regras que levam à existência de variantes linguísticas; no segundo, busca-se descrever os limites espaciais entre formas variáveis de se usar os sistemas linguísticos (LOPES et al., 2016, p. 10).

Desta forma, percebe-se que as áreas de pesquisas mais se complementam do que se distanciam. Enquanto a Sociolinguística foca na língua em uso e os fatores sociais, a Dialetologia tem como principal objeto de estudo a língua em uso e os espaços geográficos.

Uma área que contribui para esses estudos é a Psicologia Social, disciplina que abrange o comportamento, a maneira como as pessoas pensam, influenciam e se relacionam, contribuindo para se pensar aspectos subjetivos da dinâmica linguística. A contribuição da Psicologia Social consiste em fornecer saberes em relação ao comportamento humano, mais precisamente, quanto à interação linguística. Por considerar o uso que os falantes fazem da língua,

O estudo das atitudes e das crenças lingüísticas é uma das tarefas que a Sociolingüística se propõe [...] e se refere ao problema da avaliação, relativo aos julgamentos subjetivos do usuário quanto à sua própria variedade lingüística e à dos seus interlocutores (CYRANKA, 2007, p. 17).

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006[1975]), a mudança linguística pressupõe respostas para cinco problemas: *fatores condicionantes*, que “visa determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança” (p. 121), estes podem ser sociais e/ou linguísticos; *transição*, que busca compreender o processo “entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B” (p. 122); *encaixamento*, o modelo de língua proposto pela sociolinguística que compreende “estratos discretos, coexistentes, definidos pela concorrência estrita, que são funcionalmente diferenciados e conjuntamente disponíveis a uma comunidade de fala” (p.123); *Avaliação*,

que lida diretamente com o nível de consciência social sobre o processo de mudança linguística, pois os “correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento” (p.124); e *implementação*, que acompanha o processo da mudança linguística, ou seja, que busca compreender os fatores responsáveis pela implementação da mudança linguística.

Tendo como base os cinco problemas da mudança linguística, percebe-se que o problema da *Avaliação* está diretamente atrelado ao presente estudo, pois a avaliação social da mudança e da variação linguísticas estão associadas às atitudes positivas e negativas, desencadeadas pela consciência social do falante. O falante julga positivamente as formas linguísticas com as quais se identifica e, por outro lado, de maneira (in)consciente pode ter reações negativas a usos da língua seus ou de Outros.

Desenvolvemos nossas atitudes de acordo com as nossas crenças perante qualquer objeto do Universo Real, não apenas a respeito da língua. Se, por acaso, nossas crenças forem modificadas, conseqüentemente as atitudes também podem ser. Sempre que temos alguma atitude em relação ao uso da língua, estamos taxando-a com avaliações positivas (em que prestigiamos ou enalteçemos seu uso) ou negativas (quando somos preconceituosos ou estigmatizamos os usos linguísticos). Essas avaliações definem o que consideramos correto ou errado e, quando fazemos isso, desconsideramos as variações linguísticas e suas propriedades. Além disso, ressaltamos que, no contexto de ensino, as avaliações linguísticas tendem a ser prejudiciais, pois a partir do momento que determinada forma linguística é taxada como errada e com termos negativos e pejorativos, gera-se o preconceito linguístico (BAGNO, 2007). É importante que haja um ensino voltado para a língua em uso, com o objetivo de o falante adequar a sua fala de acordo com contexto em que estiver inserido, assim, preconceitos e estigmas serão quebrados.

No nível fonético-fonológico, há um grau elevado de formas estigmatizadas, isto é, de maneiras de falar que são avaliadas negativamente no plano social. Por exemplo, no PB, no par mínimo *blusa* ~ *brusa*, a primeira pronúncia é prestigiada por obedecer à norma-padrão, considerada como a maneira correta, bonita etc, enquanto *brusa* não obedece aos preceitos fonético-fonológicos das normas padrão e culta do PB, sendo uma forma estigmatizada, vista como “errada”, “feia” e sofrendo julgamento negativo.

Os falantes que utilizam a norma culta da língua são reconhecidos socialmente, geralmente com posição social, poder aquisitivo e escolarização elevados. Por terem mais proximidade com a modalidade escrita da língua, possuem uma fala mais próxima das regras de tal modalidade.

Na tentativa de estabilizar as variações da língua, a norma-padrão é uma “referência suprarregional e transtemporal” (FARACO, 2002, p. 42) que se refere a regras impostas, a um ideal abstrato de língua, isto é, a variedade da norma-padrão, é a imposição de uma linguagem tida como legítima e correta. Segundo Faraco (2002, p. 40),

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança.

A norma culta da língua é encontrada em textos escritos formais, pois é uma maneira de manter um padrão na escrita. Contudo, podemos observar que a língua falada, mesmo em situação formal, não segue essa norma. Sendo assim, a norma padrão não conseguirá neutralizar a variação, nem tão pouco, controlar a mudança, pois a língua é dinâmica e vive em constante modificação.

Levando em consideração que, os fatores que contribuem para a variação linguística são fatores internos à língua, ou seja, da estrutura da língua, e fatores extralinguísticos – externos ao sistema da língua. Alkmim (2008) compreende que

Aprende-se a variedade a que se é exposto, e não há nada de errado com essas variedades. Os grupos sociais dão continuidade à herança linguística recebida. Nesse sentido, é preciso ter claro que os grupos sociais situados embaixo na escala social não adquirem a língua de modo imperfeito, não deturpam a língua ‘comum’. A homogeneidade linguística é um mito, que pode ter consequências graves na vida social. Pensar que a diferença linguística é um mal a ser erradicado justifica a prática da exclusão e do bloqueio do acesso aos bens sociais. Trata-se sempre de impor a cultura dos grupos detentores do poder (ou a ele ligados) aos outros grupos – e a língua é um dos componentes do sistema cultural (ALKMIM, 2008, p. 42).

É necessário que haja o reconhecimento das variedades linguísticas e a desmistificação dos estereótipos que são alimentados pela mídia, jornais, livros didáticos; etc. A língua é heterogênea, é reflexo da sociedade, e deve ser considerada como tal.

Em relação às avaliações dos falantes, Bisinoto (2007) afirma que os julgamentos podem selecionar uma fala como melhor do que a outra e, a partir daí, surgem os (des)prestígios linguísticos e até mesmo os preconceitos:

As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos (BISINOTO, 2007, p. 24).

Esses julgamentos sociais sobre a língua podem ocorrer de maneira consciente ou inconsciente (LABOV, 2008). Levando em consideração o nível de consciência do falante, Labov (2008) destaca três tipos de elementos: os *estereótipos*, os *marcadores* e os *indicadores*, que nos ajudam a compreender a avaliação de processos de variação linguística. Baseado em estudos e teorias de Labov, Coelho et al. (2010) explica:

Os **estereótipos** – são traços socialmente marcados de forma consciente. Alguns estereótipos podem ser estigmatizados socialmente, o que pode conduzir a mudança linguística rápida e à extinção da forma estigmatizada. Outros estereótipos podem ter um prestígio que varia de grupo para grupo, podendo ser positivo para alguns e negativo para outros. [...] Os **marcadores** – correlacionam-se as estratificações sociais e estilísticas e podem ser diagnosticados em testes subjetivos. São traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, que podem ser diagnosticados em certos teste de atitude/ avaliação, embora o julgamento social seja inconsciente. Os resultados de alguns testes têm mostrado que, apesar de os falantes diagnosticarem certos usos como “feios” ou “errados”, isso não significa que não fazem uso deles. Muitas vezes, esse uso se da inconscientemente. [...] Os **indicadores** – são elementos linguísticos sobre os quais haveria pouca força de avaliação, podendo haver diferenciação social de uso dessas formas correlacionada à idade, à região ou ao grupo social, mas não quanto a motivações estilísticas. Em outras palavras, indicadores são traços socialmente estratificados, mas não sujeitos a variação estilística, sem força avaliativa, com julgamentos sociais inconscientes (COELHO et al., 2010, p. 33-34, grifos do autor).

A língua é avaliada pelos falantes de acordo com suas crenças e seus valores. Sabendo que são instituições sociais, cada comunidade linguística apresenta sua própria identidade, cultura e história, e isso reflete no uso real da língua.

As crenças são as noções de verdade que adquirimos sobre qualquer assunto e, pelo fato de não serem estáticas, podem mudar a qualquer momento. Barcelos (2006) afirma que crença é

[...] uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2006, p.18).

William Labov (2008) conceitua crenças como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008 [1972], p. 176). Ainda afirma que

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de

normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. (LABOV, 2008, p. 150).

Cada comunidade de fala apresenta peculiaridades linguísticas. Em relação à identidade linguística, percebe-se que a variação e as crenças daquele corpo social são fatores condicionantes para as atitudes linguísticas dos falantes. Amaral (2014) destaca que esses estudos podem ser realizados no âmbito da Dialetoлогия Perceptual, que também está relacionada com as atitudes linguísticas dos falantes, sobressaindo as discussões quanto às variedades dialetais.

A partir do momento que o falante participa do conjunto de normas impostas por sua comunidade de fala e reconhece como sua a identidade daquele grupo de pessoas, ele está desempenhando a sua *lealdade linguística*. Já quando o falante por algum motivo se apresenta contrário as práticas linguísticas do seu grupo, ele está avaliando o seu grupo linguístico de maneira negativa, muitas vezes, apresentando preconceitos ao uso da língua, sendo assim, esse falante desempenha a *deslealdade linguística*. Segundo Botassini (2015):

[...] alguns indivíduos podem se desviar da identidade linguística de seu grupo. As razões para que isso ocorra podem ser várias, desde o pertencimento a uma comunidade linguística cujo *status* seja baixo e com a qual a pessoa não quer ser identificada, até as pressões de outros grupos com os quais convive. Ao rejeitar sua identidade linguística, mudando seu modo de falar para sugerir origens sociais ou regionais que na verdade não possui, o falante está revelando uma deslealdade linguística (BOTASSINI, 2015, p. 122).

Segundo Rokeach (1974), “Uma atitude é uma organização relativamente duradoura de crenças em torno de um objeto ou situação, que predispõem a raciocinar preferentemente de uma determinada maneira” (ROKEACH, 1974, p. 15). Assim, para o autor, as atitudes são constituídas a partir das crenças que o indivíduo possui, considerando três componentes: cognitivo, afetivo e reação/comportamento.

Toda crença que faz parte de uma atitude é constituída de três componentes: (1) um componente cognitivo que representa o conhecimento que, dentro de certos limites de certeza, tem uma pessoa acerca do que é verdadeiro ou falso, bem ou mal, desejável ou indesejável; (2) um componente afetivo pelo qual, supondo-se as condições adequadas, a crença é capaz de despertar aspectos de intensidade variável que se centram (a) no objeto da crença, ou (b) em outros objetos (indivíduos ou grupos) que tomam uma posição positiva ou negativa a respeito do objeto da crença, ou (c) na própria crença quando sua validade é notoriamente colocada em dúvida, como sucede no caso de uma disputa, e (3) um componente de conduta no qual a crença, sendo uma predisposição de resposta de limite variável, deve conduzir a algum tipo de ação quando é ativada convenientemente. A classe de ação à

qual se conduz é determinada estritamente pelo conteúdo da crença. Assim, uma crença meramente descritiva é uma disposição à ação quando as condições são aproximadas (ROKEACH, 1974, p. 16).

Quanto às atitudes linguísticas, Giles, Ryan e Sebastian (1982) as definem como “qualquer índice cognitivo, afetivo ou comportamental de reações avaliativas, em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes” (GILES, RYAN e SEBASTIAN, 1982, p.7).

Para definir como os sujeitos não nordestinos avaliam seus dialetos e os dialetos nordestinos, este estudo se valerá de conceitos como preconceito, estigma, (des)lealdade e identidade linguísticas, com o intuito de esclarecer questões significativas sobre crenças e atitudes linguísticas.

Na região Nordeste, Denise Cardoso, em sua tese de Doutorado, estudou “Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialetos Brasileiros”, focando especialmente no dialeto de Aracaju, capital do estado de Sergipe. Cardoso (2015) estudou os seguintes dialetos: o aracajuano, o baiano, o alagoano e o carioca, a fim de estabelecer uma relação entre a percepção linguística e as variedades regionais citadas. O estudo de Cardoso confirma a hipótese da lealdade linguística dentro do seu grupo de observação. A autora concluiu que

[...] a língua é usada como símbolo de qualidade de um grupo. As pessoas que usam a fala para identificar um grupo social a que pertencem (ou gostariam de pertencer) são avaliadas de acordo com as atitudes mais recentes dos grupos envolvidos. As características atribuídas a outras pessoas são simplesmente aspectos do membro-protótipo do grupo ao qual elas pensam pertencer; e a avaliação destas características depende em parte do valor do grupo a que elas pertencem. Em outras palavras, parte de cada opinião individual de alguém é derivada da opinião de seu grupo social, ou grupos a que pertence, e o respeito próprio depende em parte do respeito pelo grupo como um todo (CARDOSO, 2015, p. 119).

Outros estudos sobre a temática são artigos científicos de Guedelha (2011), Morais e Andrade (2014), Botassini (2015) e Marine e Barbosa (2016).

Guedelha (2011), em *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo dialetológico*, analisou dados da seção *Perguntas Metalinguísticas* do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com informantes de três capitais brasileiras: São Luís (MA), Belém (PA) e Manaus (AM). Ao estudar as concepções linguísticas dos falantes “[...] concluiu que as crenças e atitudes linguísticas dos falantes envolvem estereótipos e preconceitos historicamente situados” (GUEDELHA, 2011). Morais e Andrade (2014) e Marine e Barbosa (2016) investigaram as crenças e atitudes linguísticas no âmbito do ensino de língua materna. Importante averiguar o

quanto as crenças e atitudes linguísticas interferem na aprendizagem/desenvolvimento sociolinguísticas dos alunos.

No contexto do Campus do Sertão da UFAL, três estudos que comungam com as ideias deste trabalho foram realizados, todos publicados no ano de 2017. Vitório (2017) tratou das crenças e atitudes linguísticas dos alunos do curso de Letras quanto ao processo de ensino/aprendizagem. Foi observado que em relação ao ensino de língua nas escolas, prevalece apenas a norma-padrão posto isto, houve uma avaliação negativa por parte dos alunos, que por sua vez, apresentam avaliações positivas em relação ao ensino da variação linguística.

Neri-Santos (2017), em seu artigo intitulado “Crenças e atitudes linguísticas no nordeste brasileiro: como universitários de uma zona de fronteira dialetal percebem a língua portuguesa?” abordou as crenças e atitudes linguísticas de graduandos, em relação a variedades do Português Brasileiro, acerca de identidade e de consciência linguística.

Carvalho (2017), em seu TCC, trata das crenças e atitudes linguísticas dos estudantes de Letras sobre Língua, Variação e Ensino, com o intuito de perceber uma reflexão acerca da língua portuguesa e da variação linguística no âmbito escolar.

À medida que o indivíduo julga a língua do Outro, as atitudes linguísticas são desencadeadas, e a estas estão atreladas as crenças (ou seja, coisas que as pessoas acreditam, atribuindo-lhes valor de verdade). A língua sempre é alvo de avaliações, uma vez que a sociedade se dedica sequeentemente às avaliações: certa ou errada, bonita ou feia, arrastada ou chiada etc. Posto isto, apresentamos reações diversas em relação ao uso da língua, principalmente, em relação à fala do Outro. Tratamos disso mais atentamente na subseção seguinte.

2.3 COMO REAGIMOS À FALA DO OUTRO: PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA

A categoria de análise Atitude é parte da Psicologia Social, como destacaram Lambert e Lambert (1966) “um complexo fenômeno psicológico que se reveste de um tremendo significado social” (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 77). Os autores conceituam a atitude da seguinte maneira:

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo interrelacionados que

os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p.77-78).

Assim, as atitudes são formadas a partir dos resultados de nossa própria experiência, das nossas crenças e são determinantes em relação ao nosso comportamento mediante qualquer situação. Além disso, formamos nossas crenças sobre as coisas, a partir da nossa maneira de pensar, sentir e reagir, e em seguida, praticamos alguma atitude. Dessa forma, as atitudes se constituem de um processo em que se imbricam crenças e juízos de valores que influenciam as reações e os comportamentos dos indivíduos.

Sabendo que os estudos das atitudes e crenças linguísticas têm buscado entender como grupos sociais implicam o processo de variação e de mudança, Moreno-Fernández (1998, p. 179) define atitude linguística como:

[...] una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de “lengua” incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes² (MORENO-FERNÁNDEZ, 1998, p. 179, tradução nossa).

Para Fishbein (*apud* SOUZA, 2012), as atitudes podem ser: neutras, positivas ou negativas – as atitudes positivas ou negativas sobre a língua em uso são ditadas pelos grupos/classes de maior prestígio e *status* social. Sendo assim, através de nossas atitudes e crenças, depositamos caráter avaliativo sobre qualquer objeto, pois até mesmo a neutralidade é uma forma de avaliação. A partir do momento em que avaliamos uma (variedade de) língua como bonita e outra como feia, consciente ou inconscientemente, estamos praticando o preconceito linguístico, estamos selecionando uma forma de uso e excluindo outra.

Aguilera (2008) afirma que “a atitude lingüística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolingüística” (AGUILERA, 2008, p. 106). Isso significa que os falantes são portadores de identidade cultural, individual e social, e geralmente, agem a partir daqueles conhecimentos adquiridos na sua comunidade de fala, e através de sua experiência de vida.

Conforme Santos (1996),

² “[...] uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade, e ao falar de “língua”, incluimos qualquer tipo de variedade lingüística: atitudes a estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialetos diferentes ou línguas naturais diferentes.”.

[...] crenças e atitudes aparecem inter-relacionadas, e isto, como já tem sido demonstrado, de forma sensível e dinâmica: a mudança em uma parte do sistema acarreta mudança em outra parte. Várias pesquisas produziram evidências de que a atitude de um indivíduo pode ser mudada se forem mudadas suas crenças sobre o objeto (SANTOS, 1996, p. 15)

Este excerto esclarece que podemos mudar nossas crenças e atitudes linguísticas, pois não são categorias estáticas, e as mudanças que manifestamos em nossas crenças acarretam mudanças em nossas atitudes.

Diante do exposto, percebemos que atitudes e crenças linguísticas estão imbricadas. As definições de *atitude* impostas pelos estudiosos da área nos fornecem conhecimentos para compreendermos que as atitudes são influenciadas pelas crenças dos indivíduos, isto é, a atitude linguística é o resultado das convicções que adquirimos ao longo do tempo sobre a língua. Além disso, fica evidente que as atitudes são fundamentais na determinação dos nossos comportamentos para com os outros. De acordo com Botassini (2015, p. 118), “as atitudes não são características inatas às pessoas, elas são formadas e aprendidas no processo de socialização”.

Nesta seção (II), discutimos sobre a fundamentação teórica quanto às crenças e às atitudes linguísticas. Na seção seguinte (III), apresentamos a metodologia do presente trabalho de campo executado.

III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente seção descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa, destrinchando os passos que guiaram a pesquisadora na coleta, na codificação e na análise dos resultados. Pela natureza do objeto investigado, listamos elementos como os objetivos, a contextualização histórico-geográfica do *locus*, o perfil dos informantes, o modelo do questionário e a descrição da pesquisa de campo.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E ESPACIAL DO SERTÃO ALAGOANO E DA UFAL-CAMPUS DO SERTÃO

Desejamos contextualizar, nessa subseção, o Campus do Sertão – UFAL dentro do espaço geográfico que ele está localizado.

O *Campus* do Sertão – UFAL está situado no sertão alagoano, localizado na Região Nordeste do Brasil, que é composta por 09 estados, a saber: Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Geograficamente o Nordeste abrange a região semiárida brasileira, característica atribuída pelos longos períodos de estiagem e seca na região, que predomina, principalmente, na sub-região do sertão. O sertão nordestino está presente em quase todos os estados da Região Nordeste, tem como vegetação típica a caatinga e possui o menor índice demográfico da Região.

O Estado de Alagoas, segundo o IBGE ³ (2017), no último censo (2010) estava com a população de 3.120.494 habitantes. O estado possui 102 municípios que agrupam três mesorregiões: leste alagoano, agreste alagoano e sertão alagoano.

Na mesorregião do sertão alagoano, estão localizadas as cidades do alto sertão (Delmiro Gouveia (Sede da UFAL – Campus do Sertão), Água Branca, Canapi, Inhapi, Olho D'Água do Casado, Pariconha, Mata Grande e Piranhas) e médio sertão (Santana do Ipanema (Unidade de Ensino da Ufal – Campus do Sertão), Dois Riachos, Carneiros, Jacaré dos Homens, Maravilha, Monteirópolis, Olho D'Água das Flores, Olivença, Ouro Branco, Palestina, Senador Rui Palmeira, Poço das Trincheiras, Pão de Açúcar e São José da Tapera), que compõem o total de 22 cidades e, que tem como principal fonte econômica a agricultura familiar, agropecuária de corte e de leite, comércios, além do turismo nas cidades históricas

³ Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/panorama>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

do sertão que permite a expansão da economia local. Em várias cidades da mesorregião do sertão alagoano existem comunidades quilombolas, como por exemplo, nas cidades de Água Branca, Delmiro Gouveia, Pariconha, Carneiro e Poço das Trincheiras. Em relação a comunidades indígenas, existem duas comunidades (Geripankó e Karuazú) na cidade de Pariconha e, uma comunidade (Kalancó) na cidade de Água Branca. Tratando-se do clima, prevalece as características climáticas áridas e semiáridas, porém as cidades de Mata Grande e Água Branca apresentam características climáticas mais úmidas e frias, devido a altitudes elevadas das cidades.

A Universidade Federal de Alagoas – UFAL, instituição federal de ensino superior, foi criada em 1961, pelo então Presidente da República Juscelino Kubitschek, instalada no *Campus A. C. Simões*, em Maceió. Sabendo da necessidade de expandir o ensino superior, no Estado de Alagoas, a UFAL aderiu ao Reuni. O seu processo de interiorização foi iniciado em 2005, com a implantação do *Campus Arapiraca*, no agreste alagoano, inaugurado em 2006, com sua sede, em Arapiraca, e, unidades educacionais em Palmeira dos Índios, Penedo e Viçosa. Em 2010, já na segunda etapa do processo de interiorização, foi implantado o *Campus do Sertão*, com sede na cidade de Delmiro Gouveia e, unidade educacional em Santana do Ipanema.

O *Campus do Sertão* da UFAL tem sua sede na rodovia AL 145, Km 3, nº 3849, Bairro Cidade Universitária, na cidade de Delmiro Gouveia, que está situada no extremo oeste do Estado de Alagoas. A Unidade de Santana do Ipanema é localizada na rodovia AL 130, Km 4, nº 1609, Bairro: Domingos Acácio, na região Centro-Oeste do Estado de Alagoas, inserida na microrregião do Médio Sertão Alagoano. O CS-UFAL oferece oito cursos de graduação, quatro bacharelados e quatro licenciaturas, sendo seis deles ofertados na cidade sede: Engenharia Civil, Engenharia da Produção, Letras, Pedagogia, História e Geografia e dois cursos na Unidade de Ensino Santana do Ipanema, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas.

O CS-UFAL é resultado do processo de Expansão das Universidades Federais Brasileiras, que fora desenvolvido pelo Governo Federal durante a gestão do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Inaugurado no dia 15 de março de 2010, o Campus do Sertão, com sede em Delmiro Gouveia, e em 05 de Agosto de 2010, a Unidade Educacional de Santana do Ipanema, proporciona ensino superior para mais de 1400 alunos. A presença do CS-UFAL no interior do estado de Alagoas oportuniza a muitos jovens, principalmente de baixa renda, o acesso ao ensino superior, gratuito e de qualidade, sendo que já há exemplos de quase uma dúzia de egressos com mestrado concluído e doutorandos em programas de pós-graduação.

O *Campus* do Sertão é uma das 25 Unidades Acadêmicas da Universidade Federal de Alagoas⁴ (UFAL, 2018) e se apresenta como um *locus* de diversidade linguística e cultural: professores, técnicos-administrativos e alunos de diferentes naturalidades e até professores de outros países lusófonos, como a Guiné-Bissau. Entre a classe de docentes do CS-UFAL, há um número equilibrado entre os alagoanos e os não alagoanos, dada a mobilidade que um *campus* universitário do interior do país propicia como oportunidade na rede federal, com entrada via concurso público. No *campus*, os servidores têm naturalidade de estados nordestinos como Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba e Ceará, e de outras regiões, como São Paulo e Paraná. Neri-Santos (2017) comenta que

Não raro ouvem-se comentários positivos acerca do sotaque paranaense de uma das docentes do *campus*, o que permite destacar um dos modelos linguísticos destacado pelos alunos nativos. Interessante perceber que, mesmo sendo esta professora natural do interior do Paraná, ratifica-se que modelos linguísticos são subjetivos, pois seu modo de falar se vincula ao dialeto caipira, principalmente pelo /r/ retroflexo (NERI-SANTOS, 2017, p. 172).

No caso dos alunos, o crescente número de alunos não alagoanos passa por dois motivos, um de natureza geográfica e outro de natureza administrativa. Neste último caso, desde 2011, o ingresso dos universitários na UFAL acontece via Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), através do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) que é um programa gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do qual instituições públicas de educação superior oferecem vagas a candidatos/estudantes que são preenchidas através da nota obtida no Exame. Configurando-se como um sistema que permite a mobilidade estudantil no Brasil, o Enem facilita o ingresso de universitários em estados e regiões diferentes da sua cidade/estado de residência original, tendo como exemplo, os informantes-colaboradores desta pesquisa, que são universitários não nordestinos do CS – UFAL. Isto ocorre porque o candidato pode fazer a prova do Enem em São Paulo e ser selecionado na UFAL – *Campus Sertão*, conforme sua opção de inscrição, por exemplo.

Um segundo motivo, de natureza administrativa, tem a ver com a forma de ingresso na instituição. O CS-UFAL aderiu ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu-MEC) desde o início de suas atividades acadêmicas, no primeiro semestre de 2010. A interiorização da universidade pública, bem mais do que o ingresso via vestibular, tem promovido a mobilidade para novos servidores, com a promoção de vagas para docentes efetivos e substitutos, e de

⁴ A lista das Unidades Acadêmicas está disponível em <<https://ufal.br/ufal/institucional/unidades-academicas>> Acesso em 10 out. 2018.

discentes oriundos de diversos estados, mesmo que majoritariamente dos quatro estados de fronteira.

É importante contextualizar acerca da concepção do CS-UFAL, fruto do Projeto REUNI, sobre o qual esclarecemos que

A expansão da Rede Federal de Educação Superior teve início em 2003 com a interiorização dos campi das universidades federais. Com isso, o número de municípios atendidos pelas universidades passou de 114 em 2003 para 237 até o final de 2011. Desde o início da expansão foram criadas 14 novas universidades e mais de 100 novos campi que possibilitaram a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação (MEC, 2010).

O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni, elaborado sob o decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, teve como objetivo “criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais” (BRASIL, 2007, art. 1º). Desta forma, a expansão/interiorização das universidades foi ampliada, tanto em antigas quanto em novas estruturas, e conseqüentemente, o acesso à educação de ensino superior.

A UFAL atende ao Sistema de Cotas, conforme a Lei Nº 12.711 (alterada pela Lei Nº 13.409/2016), de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades e instituições federais; e, no Decreto Nº 7.824 (alterado pelo Decreto Nº 9.034/2017), de 11 de outubro de 2012, que regulamenta a Lei Nº 12.711/2012⁵. Para cada curso e turno ofertado pela UFAL, no mínimo 50% (cinquenta por cento) das vagas devem ser destinadas a reserva de cotas aos estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, que serão preenchidas por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência.

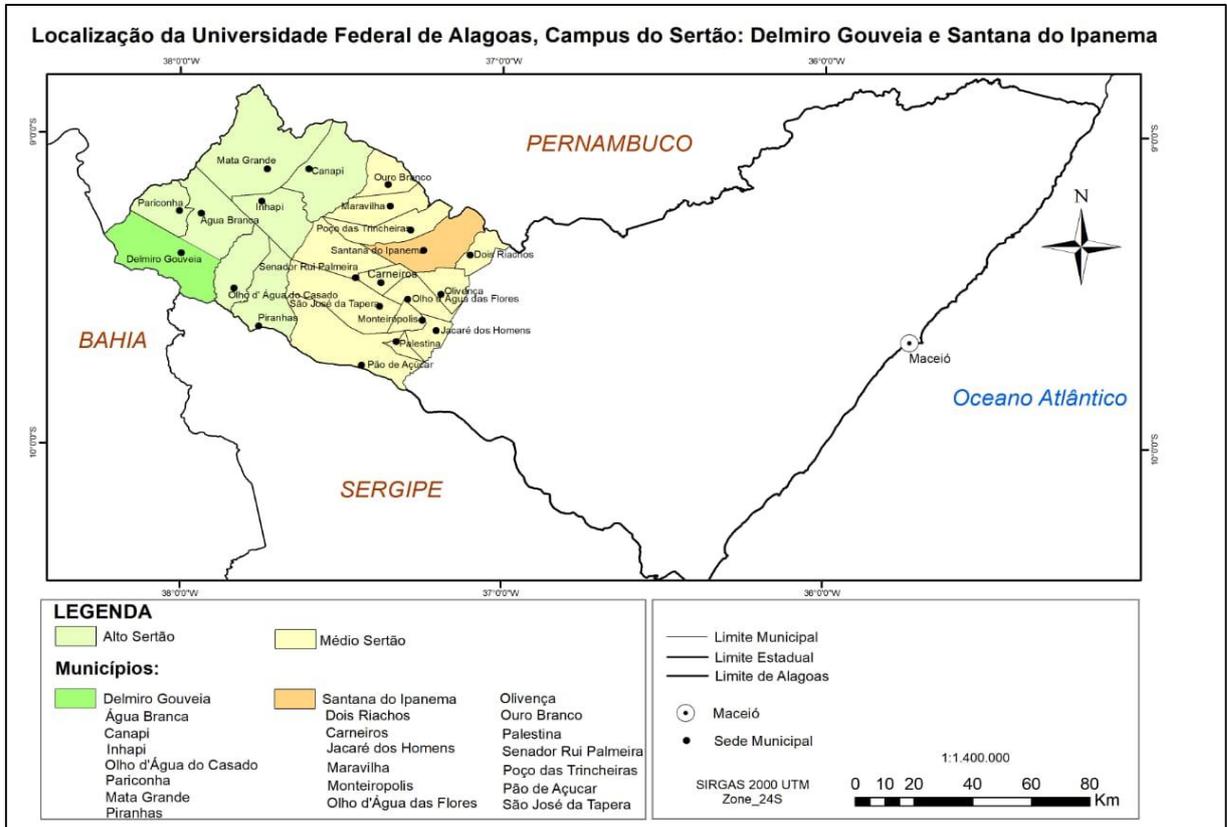
A partir do semestre letivo 2018/1, o *Campus do Sertão* passou a adotar entrada única para todos os cursos, disponibilizando 50 vagas para cada curso. Entre 2010/1 e 2017/2, eram duas entradas por ano, ou uma entrada por semestre, com 40 vagas por entrada, totalizando 80 vagas anualmente para cada curso. As vagas disponibilizadas são divididas em duas demandas: Ampla concorrência e Reserva de Vagas/Cota.

A questão geográfica remete ao fato de o CS-UFAL estar localizado em Delmiro Gouveia e em Santana do Ipanema, no Alto e no Médio Sertão, respectivamente. A primeira

⁵ Disponível em <<http://www.copeve.ufal.br/sistema/anexos/Processo%20Seletivo%20UFAL%202018%20-%20SISU%202018.1/Edital%20n%203.2018%20-%20Progradufal%20-%20Ufal%20Sisu%202018.1.pdf>>. Acesso em 21 de out. de 2018.

dessas cidades faz fronteira com Pernambuco, Bahia e Sergipe, facilitando o ingresso de alunos oriundos do interior destes estados na UFAL. Observemos a Figura 1 a seguir.

Figura 1: Localização da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão



Fonte de dados: IBGE, ZAAL.

Através da Figura 1, localizamos geograficamente o município de Delmiro Gouveia, que faz fronteira ao norte, com Jatobá, em Pernambuco; a oeste, com Paulo Afonso, na Bahia; e, ao sul, com Canindé do São Francisco, em Sergipe.

[...] Delmiro e Santana deverão exercer sua influência imediata sobre toda a porção Oeste do Estado de Alagoas, envolvendo 25 municípios sertanejos, cuja população era de **393.633** habitantes no último Censo (IBGE, 2000), correspondente a 14 % da população do Estado (2.822.621 habitantes em 2000). Mas também deverá envolver os 23 municípios do entorno do Complexo Hidrelétrico de Xingó (município sertanejo de Piranhas, Alagoas), pertencentes aos Estados vizinhos de Pernambuco, Sergipe e Bahia (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2009).

A seguir, destacam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho tem caráter quali-quantitativo, realizado por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, com coleta de dados via questionário estruturado *online* – com questões abertas e de múltipla escolha – por convite direto da pesquisadora aos sujeitos da pesquisa selecionados. A pesquisa se valeu de uma abordagem descritiva – levantamento dos dados dos questionários coletados, com descrição das características do fenômeno em estudo –, na abordagem explicativa – entendimento do fenômeno da percepção linguística –, e na abordagem exploratória – pesquisa bibliográfica, que atribuiu embasamento teórico para a fundamentação do trabalho.

A pesquisa bibliográfica é um método essencial para fundamentar os postulados teóricos do trabalho científico

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p. 32).

Em relação à pesquisa de campo, Fonseca (2002) afirma que essa se caracteriza pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica, se realiza coleta de dados junto a pessoas, valendo-se de recursos de diferentes tipos de pesquisa, como por exemplo, o questionário que foi utilizado nesta pesquisa.

Quanto à abordagem da pesquisa, a mesma apresentou caráter quali-quantitativo, isto é, leva em consideração tanto a quantificação dos dados quanto à interpretação dos mesmos. Esse tipo de abordagem envolve dois tipos de pesquisas, que são correntes paradigmáticas que têm norteador a pesquisa científica, a saber: a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa. A pesquisa quantitativa caracteriza-se por estudar e quantificar com precisão em níveis estatísticos todo e qualquer fenômeno que seja imposto a este método de pesquisa. Assim, há um distanciamento entre o objeto pesquisado e o pesquisador, evitando que a pesquisa interfira nos resultados obtidos na pesquisa.

Sobre esses métodos, Mitchell (1987, p. 81-82) esclarece:

Os métodos quantitativos são, essencialmente, instrumentos auxiliares para a descrição. Ajudam a focalizar com maior detalhe as regularidades que se apresentam nos dados coletados pelo pesquisador. As médias, taxas e porcentagens são formas de resumir as características e as relações que se encontram nos dados.

Já na pesquisa qualitativa, aprofunda-se a percepção dos fenômenos que envolvam ações de indivíduos e/ou de contextos sociais, para, em seguida, interpretar ocorrências, baseando-se na perspectiva dos sujeitos que participam da situação. Dessa forma, há interação entre o objeto de estudo e o pesquisador.

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2008, p. 57).

A revisão de literatura sobre Crenças e Atitudes linguísticas nos levou a observar que apenas através da pesquisa de campo se conseguiria confrontar as hipóteses listadas e realizar uma análise quali-quantitativa. Com isso, descrevemos a fase da coleta de dados a seguir.

3.3.1 A Coleta de dados

A pesquisa de campo é um método que consiste na coleta de dados empíricos, seja por observação, por questionário ou por entrevista (MINAYO, 2008). Para uma menor interferência da pesquisadora, optamos pelo uso de um questionário estruturado *online* – elaborado através do aplicativo *Google Forms* (*Formulários Google*[®]), com questões abertas e de múltipla escolha. O *Google Forms* é uma ferramenta que auxilia na criação de formulários e de questionários *online* e está disponível gratuitamente para quem possuir uma conta *Google*, de modo que a recolha de respostas permite a disponibilização e apresentação automática dos dados.

O Questionário *online* elaborado para esta pesquisa apresenta perguntas abertas e fechadas (de múltipla escolha e por gradação). Utilizamos como modelo de questionário para esta pesquisa o questionário elaborado por Cardoso (2015), que, após testagem entre a pesquisadora e o professor-orientador, obteve uma forma final. O instrumento utilizado na coleta dos dados, o questionário *online*, está disponível no Apêndice A, com o intuito de coletar dados, para em seguida, descrever e analisar como alunos que não são nativos do Nordeste brasileiro veem a Língua portuguesa produzida nesta região. O questionário, intitulado de *Crenças e Atitudes Linguísticas de Universitários não nordestinos* está organizado como a seguir:

Na seção 1, cujos dados são de caráter confidencial, iniciamos o questionário com 04 (quatro) indagações sobre o informante, com o intuito de obter informações pessoais e acadêmicas para uma contextualização mais consistente:

- a. *Gênero;*
- b. *Curso;*
- c. *Qual período você está cursando em 2017/2? P.S.: Tome como referência o ano de ingresso da UFAL;*
- d. *Naturalidade (Cidade e estado).*

Na seção 2, aplicamos 12 (doze) questões para sabermos das percepções sobre o Nordeste Brasileiro, a saber:

- e. *Onde passou boa parte de sua infância e adolescência (Cidade e estado);*
- f. *Idade;*
- g. *Há quanto tempo você reside em Delmiro Gouveia/Santana do Ipanema ou circunvizinhança (em anos)?;*
- h. *Você já esteve no Nordeste antes de iniciar o curso na UFAL – Campus do Sertão. Se sim, por qual o motivo?;*
- i. *Você já morava no Nordeste antes de iniciar o curso na UFAL – Campus do Sertão?;*
- j. *Você já tinha ouvido falar sobre a cidade onde estuda (Delmiro Gouveia/ Santana do Ipanema) antes de ser aprovado no ENEM?;*
- k. *Qual(is) a visão(ões) você tinha acerca do Sertão nordestino antes de residir aqui?;*
- l. *Justifique sua(s) resposta (s) para a pergunta K, caso se sinta à vontade;*
- m. *Como você avalia sua recepção por parte dos moradores de Delmiro Gouveia/ Santana do Ipanema, considerando o fato de ser um(a) não nordestino(a)?*
- n. *Após fixar residência no sertão nordestino, qual(is) imagem(ns) você passou a ter (e não tinha antes) sobre essa região;*
- o. *Justifique sua(s) resposta(s) para a pergunta N, caso se sinta à vontade; e,*
- p. *Com quais falantes da região Nordeste você tem contato frequente?.*

Por fim, na seção 3, realizamos 07 (sete) perguntas que versavam sobre a variedade de língua portuguesa produzida no Nordeste brasileiro:

- 1. *O que você acha do modo de falar (dialeto) de seu estado natal?*
- 2. *Atualmente, como você avalia o modo de falar (dialeto) dos sertanejos nordestinos com quem você tem contato?*
- 3. *Em sua opinião, a sua maneira de falar é mais bonita que a maneira de falar dos nordestinos?*

4. *Você percebe diferenças linguísticas entre seus colegas de turma da UFAL e os habitantes da cidade?*
5. *Ao entrar em contato com o falar dos universitários nordestinos, o quão diferente você considerou do seu dialeto natal/ do seu modo de falar?*
6. *Em sua opinião, os dialetos de qual(is) falante(s) apresenta(m) um modo de falar bonito?*
7. *Após residir na Região Nordeste, quais seus principais “estranhamentos” em relação à linguagem, cultura, costumes/hábitos, vestuários, outros?*

Cada sujeito de pesquisa levou entre 12 (doze) e 18 (dezoito) minutos para responder o questionário, com um total de 23 questões.

3.3.2 Estratificação dos sujeitos da pesquisa

Tendo como objetivo geral descrever e analisar a percepção de dialetos do Português Brasileiro por parte de discentes do CS-UFAL oriundos de outras regiões do país, a amostra é constituída de dados obtidos pelas respostas de sete (7) universitários não nordestinos que foram, em algum momento, graduandos do CS-UFAL. Foi intuito da pesquisa, durante algum tempo, controlar duas variáveis extralinguísticas, a saber: i) a *modalidade de curso* (licenciatura e bacharelado), registrando relatos de alunos de todos os oito (8) cursos de graduação do CS-UFAL; e ii) *tempo de estadia no Sertão alagoano*, delimitando os sujeitos entre ingressantes ou concluintes. No entanto, foi inviável tal procedimento, pela falta de sujeitos que se adequassem aos critérios estabelecidos. Este foi, inclusive, um dos motivos para o longo tempo entre as primeiras entrevistas e o depósito do TCC: a insistência na busca por sujeitos que pudessem incorporar, minimamente, um número satisfatório de sujeitos pesquisados.

Em meados de novembro de 2017, iniciamos a divulgação por chamamento para captar sujeitos que se encaixassem no perfil da pesquisa, por meio das redes sociais E-mail, *Facebook*, *Messenger* e *WhatsApp*, de modo a convidar como público-colaborador os graduandos(as) do CS-UFAL, especificamente os não naturais da região Nordeste e, principalmente, aqueles que vieram para o Nordeste pouco tempo ou após ingressarem na UFAL. Os que estavam dentro do perfil de estratificação foram convidados a visitar o *link* destinado ao questionário *online*⁶. O convite continha orientações exigidas pelo Termo de

⁶ O questionário *online* utilizado para a presente pesquisa está disponível em <<https://goo.gl/forms/6X56BLnqKjV9hQzw2>>. Último acesso em: 22 Jan. 2019.

Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, explicando qual o objetivo desta pesquisa e esclarecendo que os dados pessoais dos informantes seriam mantidos em sigilo. A partir do momento que, os informantes respondiam ao questionário, era realizado o acompanhamento das respostas coletadas.

Os critérios válidos para a seleção destes sete sujeitos foram: i) não ser natural de algum dos nove estados do Nordeste do Brasil; ii) ter constituído residência no Nordeste brasileiro em, no máximo, dois anos antes de seu ingresso no CS-UFAL, o que permitiu excluir alunos que tenham apenas nascido noutra região do país, mas que vieram logo no início de suas vidas ao Nordeste. Com isso, espera-se registrar o “estranhamento linguístico/dialetal” desses sujeitos ao entrar em contato com dialeto(s) nordestino(s) do PB.

Ao preencher as células do trabalho, a pesquisadora se deparou com algumas limitações na sua investigação que levam a redesenhar a pesquisa e aprofundar os aspectos mais relevantes. Dentre as limitações, a mais significativa diz respeito ao acesso de dados dos alunos, como, por exemplo, a lista de naturalidade dos alunos que fora solicitada via Ofício à Coordenadoria de Registro e Controle Acadêmico – CRCA, do CS-UFAL e, não foi disponibilizada por alegação de sigilo de informações. A lista de naturalidade dos alunos do Campus seria fundamental para identificar outros informantes para a pesquisa.

Na seção a seguir destacamos o perfil dos informantes e descrevemos e analisamos as respostas dadas no questionário.

IV. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Nesta seção, descrevemos e interpretamos os dados obtidos através do questionário aplicado sobre crenças e atitudes linguísticas de universitários não nordestinos do CS-UFAL. Para melhor organização, dividimos o questionário em três seções, a saber: i) perfil dos informantes; ii) crenças e atitudes sobre o Nordeste brasileiro; e iii) variedade de língua Portuguesa produzida no nordeste Brasileiro.

4.1 PERFIL DOS INFORMANTES E CRENÇAS E ATITUDES SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO

Com o intuito de captar a percepção do universitário não nordestino acerca do Nordeste brasileiro, valemo-nos de questões fechadas e abertas, a fim de identificar graus de avaliação subjetiva.

Por se tratar de universitários, imaginávamos a dificuldade de controlar a variável faixa etária, visto que o CS-UFAL costuma abranger um público entre 16 e 40 anos, o que dificultaria encontrar não nordestinos da faixa etária acima de 50 anos. No processo inicial da pesquisa, imaginávamos conseguir dezesseis alunos, os quais seriam selecionados também por seu curso de graduação. Logo percebemos que esta seria uma tarefa impossível de efetivar. A estratificação final dos sujeitos da pesquisa está disposta no Quadro 1 a seguir, com dados relativos aos anos de 2017 e 2018:

Quadro 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa

| Código | Identificação | Naturalidade | Sexo / Idade | Tempo de estadia no Sertão nordestino | Graduação cursada no CS-UFAL |
|---------------|----------------------|---------------------|---------------------|--|-------------------------------------|
| S1 | E. A. | São Paulo – SP | Feminino, 24 | Entre 4 e 5 anos | Letras |
| S2 | F. T. | Curitiba – PR | Feminino, 27 | Mais de 5 anos | História |
| S3 | A. N. | Rio Branco – AC | Feminino, 23 | Entre 4 e 5 anos | Engenharia Civil |
| S4 | B. G. | Niterói – RJ | Feminino, 24 | Entre 4 e 5 anos | Engenharia Civil |
| S5 | C. R. | São Paulo – SP | Mulher, 33 | Entre 4 e 5 anos | Letras |
| S6 | E. | São Paulo – SP | Masculino, 26 | Mais de 5 anos | Letras |
| S7 | S. M. | Rio de Janeiro – RJ | Feminino, 23 | Entre 2 e 3 anos | Ciências Contábeis |

Elaboração da pesquisadora (2018).

A seleção de informantes numa pesquisa sociolinguística de avaliação subjetiva está relacionada à necessidade de captar respostas com a devida honestidade e seriedade. Em busca de dados confiáveis, excluíram-se da pesquisa respostas de discentes naturais de algum dos nove estados do Nordeste do Brasil (dois casos); e ter constituído residência no Nordeste brasileiro em, no máximo, dois anos antes de seu ingresso no CS-UFAL, o que permitiu excluir alunos que tenham apenas nascido noutra região do país, mas que vieram logo no início de suas vidas ao Nordeste.

O código (S) foi utilizado para fazer referência aos sujeitos informantes da pesquisa durante o decorrer do trabalho. O Código S1 refere-se ao sujeito 1, cuja identificação é E. A.; o S2 faz menção ao sujeito 2, identificado por F. T.; o S3 é o código do sujeito 3, que é reconhecido pela sigla A. N.; o Sujeito 4 é representado pelo código S4, e identificado por B.G.; o S5 refere-se ao sujeito 5, cuja identificação é C. R.; o S6 é o código que refere-se ao sujeito 6, a sua identificação é a vogal E; e, o S7 é o código do sujeito 7, que é identificado pela sigla S.M..

Tomando o corte dos informantes nordestinos, sobram os universitários das demais regiões do Brasil que foram, em algum momento, graduandos do CS-UFAL. Objetivou-se coletar, no mínimo, um informante-colaborador de todos os oito (8) cursos, a saber: Pedagogia, História, Geografia, Letras, as Engenharias Civil e de Produção, e as Ciências Contábeis e Econômicas. No entanto, foi inviável tal procedimento, pela falta de sujeitos não nordestinos. Dos informantes-voluntários, obtivemos resposta de três (3) graduandos de Letras (S1, S5 e S6), um (1) graduando de História (S2), dois (2) graduandos de Engenharia Civil (S3 e S4) e, um (1) graduando de Ciências Contábeis (S7). Não participaram da pesquisa sujeitos dos cursos de Pedagogia, Geografia, Engenharia de Produção e Ciências Econômicas.

Para esta pesquisa, valeu-se de um total de 7 (sete) universitários da UFAL - *Campus do Sertão*, como já observado, num universo de cerca de 1400 graduandos matriculados (segundo informação do Coordenadoria de Registro e Controle Acadêmico, durante o semestre letivo 2015/1), sendo 6 (seis) da CS-UFAL sede, em Delmiro Gouveia e, apenas um (01) da Unidade de Ensino de Santana de Ipanema. Tendo em vista que a quantidade de universitários não nordestinos na CS-UFAL é relativamente baixa, o número de informantes é significativo – talvez até englobando o total de alunos que se encaixariam na estratificação selecionada – e permitiu discutir as hipóteses levantadas, bem como servir como motivador para outros estudos.

Das variáveis sociais controladas, foram analisadas as variáveis *Naturalidade* e *Tempo de Estadia no Sertão Nordestino*. Destes, foram cinco (5) informantes do gênero feminino e uma (1) informante do gênero mulher e apenas um (1) informante do gênero masculino de origens diversas, sendo cinco (5) universitários da Região Sudeste – três (3) paulistas e dois (2) cariocas; um (1) universitário paranaense, da região Sul; e um (1) universitário acreano, da região Norte. Em relação a variável *Tempo de Estadia no Sertão Nordestino*, um (1) informante (S7) está na região Nordeste entre 2 e 3 anos; quatro (4) informantes (S1, S3, S4 e S5) entre 4 e 5 anos; e, dois (2) informantes (S2 e S6) estão a mais de cinco anos.

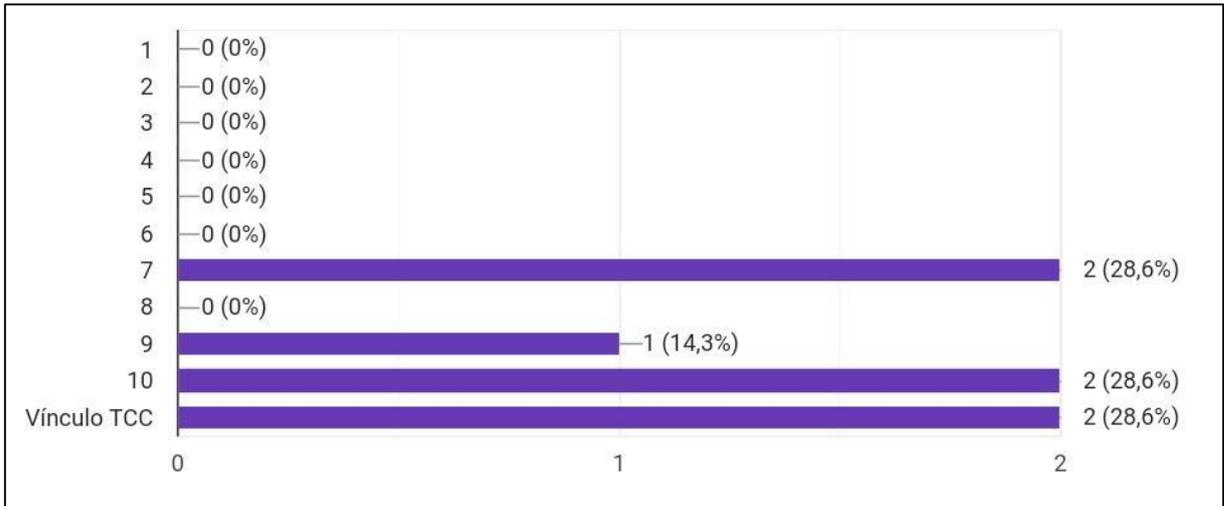
Em relação ao gênero dos informantes, 71,4% dos informantes se identificaram do gênero feminino (5 informantes), 14,3% é do gênero mulher (1 informante), e, 14,3% do gênero masculino (1 informante). Todos os informantes são de uma faixa etária adulta, tendo como idade de 23 a 33 anos. Dos sete informantes, dois (2) jovens possuem a mesma idade, 27 anos e os demais possuem 23 anos, 24 anos, 25 anos, 26 anos e 33 anos. Por falta de informantes de outras idades, a variável social Faixa etária não pode ser controlada, uma vez que os colaboradores tinham entre 23 e 33 anos. Mesmo assim, essa informação é essencial, para mostrar que esta é a faixa etária mais significativa dos alunos do CS-UFAL.

Quanto ao curso de graduação desses sujeitos, temos: três (3) graduandos de Letras (42,9%), um (1) graduando de História (14,3%), dois (2) graduandos de Engenharia Civil (28,6%) e um (1) graduando de Ciências Contábeis (14,3%). Não obtivemos participação de graduandos dos cursos de Pedagogia, Geografia, Engenharia de Produção e de Ciências Econômicas.

Para a pergunta *Qual período você está em 2017/2?* tomando como referência o ano de ingresso na UFAL, em 2017/2, dois (2) graduandos cursavam o 7º Período (28,6%), sendo 01 (um) do curso de Letras e 01 (um) do curso de Ciências Contábeis. No 9º Período, obtivemos a resposta de 01 (um) informante do curso de Letras (14,3%). Já dois (2) informantes do curso de Engenharia Civil (28,6%) estavam no 10º Período. Por fim, com 28,6%, ou seja, dois (2) informantes, sendo 01 (um) do curso de Letras e 01 (um) do curso de História, estavam com o *status* de Vínculo para Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Isso permite descrever que todos os sujeitos da pesquisa já tinham mais dois anos de estadia no sertão alagoano.

Esta divisão está disposta no Gráfico 1.

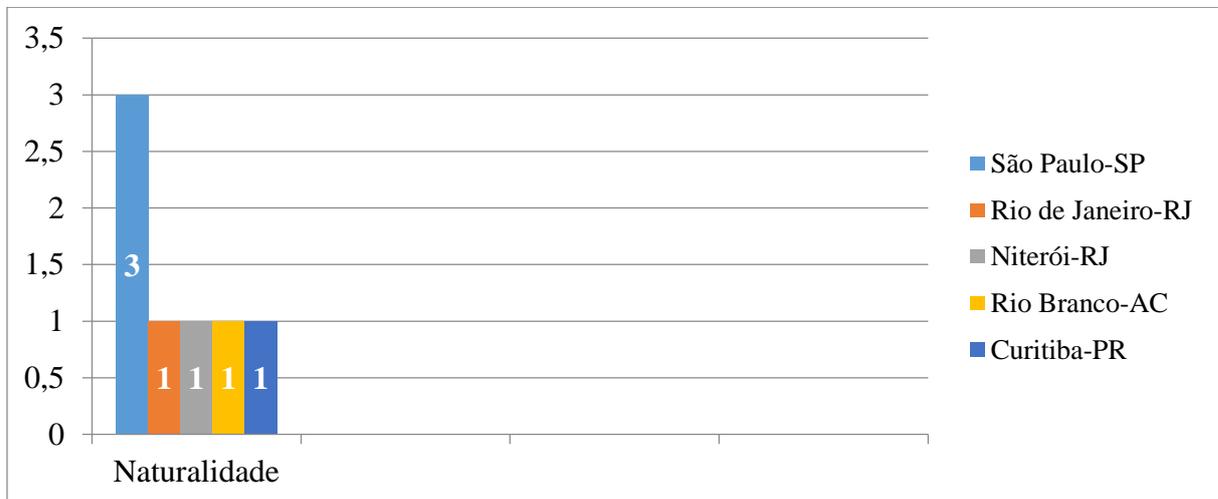
Gráfico 1: Resultado das respostas à pergunta *Qual período você está em 2017/2?*



Elaboração da pesquisadora (2018).
 Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Quanto à naturalidade, cidade e estado, dos sujeitos da pesquisa, destacamos os dados no Gráfico 2.

Gráfico 2: Resultado das respostas em relação à naturalidade, cidade e estado.



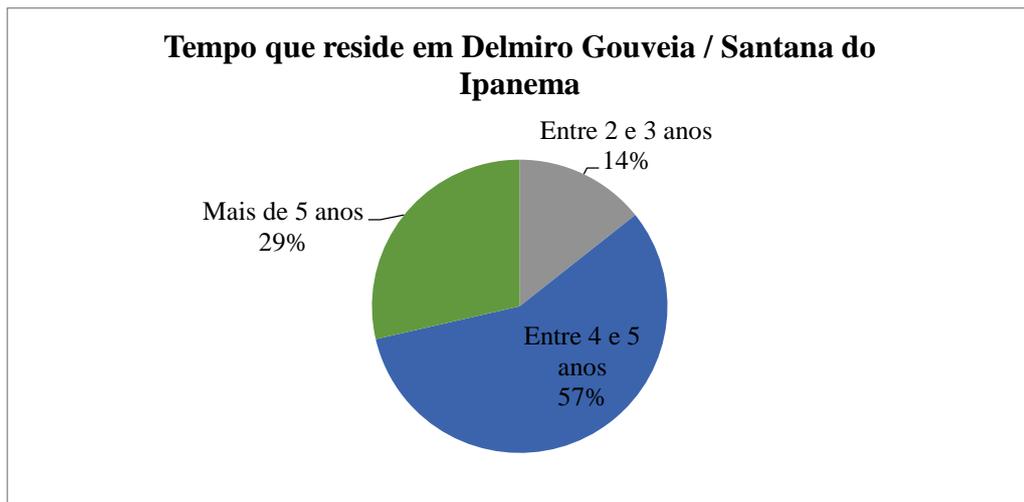
Elaboração da pesquisadora (2018).
 Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Tomando o corte dos informantes naturais da região Nordeste, percebemos que mesmo em uma unidade, o CS-UFAL recebe alunos de três das outras quatro regiões do Brasil. Não há graduandos da região Centro-Oeste participantes da pesquisa, mas temos cinco universitários da região Sudeste – três paulistas e dois fluminenses; um universitário curitibano, da região Sul; e um universitário rio-branquense, no Acre, da região Norte.

Na Questão E, perguntamos em qual cidade passaram boa parte de sua infância e adolescência. Para esta pergunta, todos os informantes responderam que passaram a sua infância e adolescência em sua cidade/estado de naturalidade.

Na Questão G, perguntamos há quanto tempo residia em Delmiro Gouveia/Santana do Ipanema ou circunvizinhança (em anos). Os dados estão dispostos no Gráfico 3.

Gráfico 3: Resultado das respostas à questão G

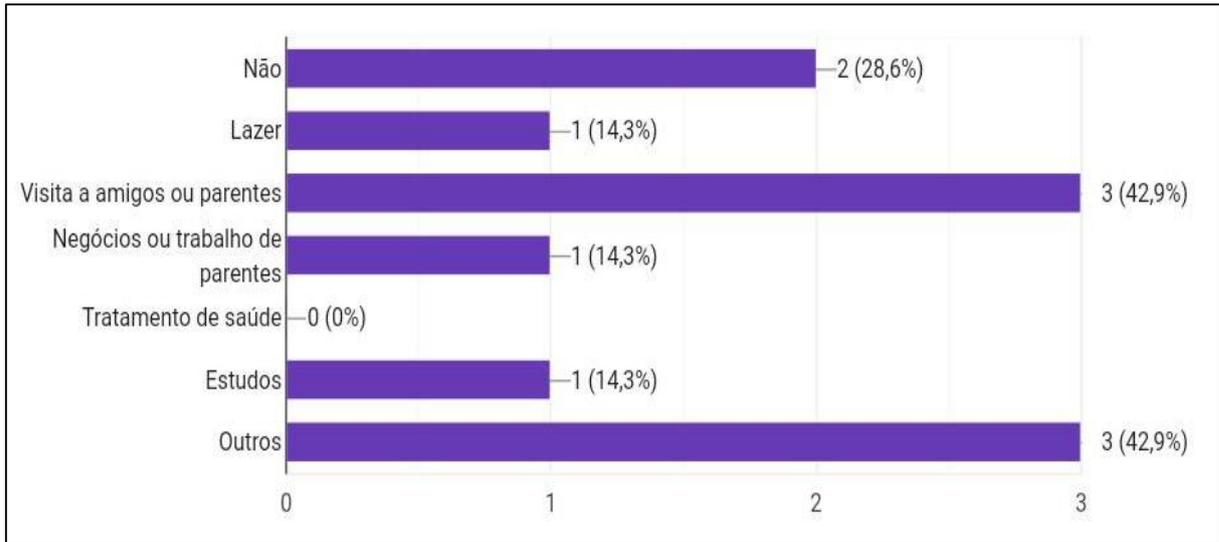


Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Sabendo que os informantes não são nordestinos, e ao ingressarem no CS-UFAL, passaram a residir na região Nordeste, os dados gerais mostram que quatro dos sete (57,1%) informantes passaram a residir em Delmiro Gouveia/Santana do Ipanema ou circunvizinhança há 4 e 5 anos. Dois (2) informantes (28,6%) residem a mais de 5 anos e apenas um informante (14,3%) residia entre 2 e 3 anos. Posto isto, é possível afirmar que os informantes que estão há mais tempo na região Nordeste tendem a apresentar avaliações mais positivas em relação ao dialeto e a região do que os informantes que estão há menos tempo na região.

Na Questão H, perguntamos se o sujeito já esteve no Nordeste antes de iniciar o curso no CS-UFAL e por qual(is) motivo(s). As respostas estão dispostas no Gráfico 4 a seguir.

Gráfico 4: Resultado das respostas à questão H

Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

No Gráfico 4, identificamos que dois (S2 e S4) sujeitos responderam que não tinham estado no Nordeste antes de iniciar o curso no CS-UFAL; outros dois (S1 e S6) responderam a opção *Outros*; e dois (S3 e S7) sujeitos responderam que estiveram no Nordeste antes de iniciar o curso por motivo de *Visita a amigos ou parentes*; um informante (S5) respondeu todas as alternativas, exceto que esteve no Nordeste por *Tratamento de Saúde*.

Na Questão I, perguntamos se eles já moravam no Nordeste antes de iniciar o curso no CS-UFAL, obtendo-se que seis dos sete (85,6%) universitários não nordestinos sujeitos dessa pesquisa não moravam no Nordeste antes de se mudarem para estudar na região Nordeste. Desta forma, as crenças e atitudes linguísticas dos informantes em relação ao dialeto Nordestino, refletem seu processo de início de convivência a esse dialeto, pois os informantes ainda estão em processo de adaptação tanto em relação ao dialeto quanto aos costumes e hábitos dos habitantes da região.

Na Questão J, perguntamos se o sujeito já tinha ouvido falar sobre a cidade onde estuda (Delmiro Gouveia/ Santana do Ipanema) antes de ser aprovado no ENEM. Quatro dos sete sujeitos (S1, S2, S3, S4) (57,1%) informaram que nunca tinham ouvido falar sobre a cidade onde iriam estudar antes da aprovação no ENEM, ao passo que três desses (42,9%) afirmaram que já tinham ouvido falar sobre a cidade de Delmiro Gouveia/Santana do Ipanema antes. O fato de quatro informantes não terem ouvido falar das cidades de Delmiro Gouveia e Santana do Ipanema antes de serem aprovados no ENEM pode decorrer do fato de serem cidades do interior, não uma capital, sem expressividade econômica atual em relação ao Brasil.

Na Questão K, perguntamos qual(is) imagem(ns) o sujeito tinha acerca do sertão nordestino antes de lá residir. Os dados estão dispostos no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Resultado das respostas à questão K

| Características atribuídas ao Sertão Nordestino | S1 | S2 | S3 | S4 | S5 | S6 | S7 |
|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Seca | | | | | | | |
| Fome/ Pobreza/ Miséria | | | | | | | |
| Fartura/Riqueza | | | | | | | |
| Violência | | | | | | | |
| Ricas em beleza naturais, cultura e tradição | | | | | | | |
| Hospitalidade | | | | | | | |
| Outros | | | | | | | |

Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Ao serem questionados em relação à visão que tinham acerca do sertão nordestino antes de residirem na região, os informantes atribuíram entre as opções disponíveis diversas características negativas, sendo a principal delas a seca, que equivaleu à resposta de seis dos sete informantes, com exceção do S2, que marcou a opção *outros*; os aspectos fome/pobreza/miséria (S1 e S5), e, violência (S3 e S5) receberam atribuição de 02 informantes cada, que correspondeu a 28,6% para cada característica. Já em relação às características positivas, os aspectos: *Ricas em belezas naturais, cultura e tradição* e *Hospitalidade* foram definidas pelo sujeito S5. A opção *Fartura/Riqueza* não foi relacionada ao sertão nordestino. Desta forma, confirmamos que as impressões mais salientes que os sujeitos não nascidos ou não residentes no Nordeste costumam ter a respeito da região Nordeste são de cunho negativo.

Na Questão L, solicitamos para que os sujeitos justificassem sua(s) resposta(s) para a pergunta K, quanto às características referidas ao sertão nordestino, caso se sentissem à vontade. Seis sujeitos (S1, S2, S3, S5, S6, S7) justificaram o motivo. S1, paulistano, 24 anos de idade, destaca que considerou as opções *Seca e Fome/Pobreza/Miséria* motivado pelos depoimentos de seus pais, como expõe o relato a seguir:

“Meus pais são nordestinos. Passaram boa parte de suas vidas no nordeste – infância e adolescência. Atualmente residem em São Paulo, na verdade, há mais de 20 anos. Nesse sentido, minha ótica sobre a região foi construída, sobretudo, a partir de seus relatos” (S1).

O Sujeito 02, curitibano, 27 anos de idade, que marcou a opção *Outros*, explica que não conhecia o sertão nordestino: *“Eu não tinha muita noção de como era o nordeste,*

conhecia muito pouco, vim meio que sem saber de nada, pra conhecer mesmo". S3, rio-branquense, 23 anos de idade, assim justificou ter relacionado o sertão nordestino à *seca* e à *violência*: *"Ao procurar a cidade no Google Imagens, as únicas imagens que apareceram foram de tragédias... O que me assustou um pouco no começo antes de vir"*. Por esse relato, é possível entender o quanto a mídia se concentra na descrição das misérias, especialmente vinculadas à *seca* e à *violência*. S5, paulistano, 33 anos de idade, frisou como características negativas à *seca* e à *fome/pobreza/miséria* e à *violência*. Para justificar, o S5 esclarece que a mídia e os discursos em relação à região Nordeste são manipuladores: *"A visão preconceituosa foi sendo construída por meio da mídia e discursos forjados anto por que não tinha nenhum conato quanto por pessoas que tiveram conato mínimo com as proximidades"*. S6, paulistano, 26 anos de idade, a sua opção pela característica *seca* é resultado das informações que recebeu de outras pessoas, dentre elas, nordestinos:

"As pessoas que faziam parte do meu dia a dia em São Paulo afirmavam que o nordeste era uma região de seca. Inclusive os próprios nordestinos que também moravam lá. Essa era a única informação que eu recebia das pessoas" (S6).

Assim como o S3 e S5, S7 também justificou que a mídia o influenciou em relacionar a *seca* ao sertão nordestino: *"É uma imagem marcante, principalmente divulgada por intermédio de canais de televisão"*. Levando em consideração os argumentos dos sujeitos S3, S5 e S7, o autor Albuquerque Júnior (2013) destaca que

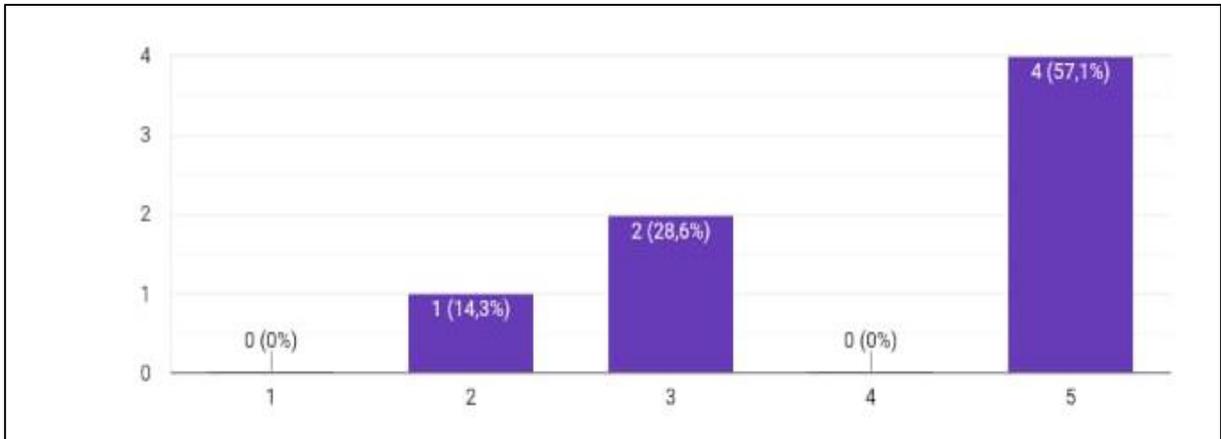
"[...] O Nordeste, que em sua definição como espaço regional autônomo no país, teve como um dos traços distintivos, exatamente, a sua natureza, que no discurso regionalista é homogeneizada a partir da imagem da seca e aridez [...]" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 165).

Assim, ao relatarem seus posicionamentos acerca das características que atribuíram ao sertão nordestino, os sujeitos da pesquisa S3, S5 e S7 citam a mídia como um fator de influência quanto às crenças acerca da região. A imagem do Nordeste é distorcida pela mídia e reduzida à imagem da *seca*, do *ignorante*, da *violência*, da *migração*, *pobreza*, *fome*, *analfabetismo*, influenciando as pessoas a alimentarem seus preconceitos e crenças negativas acerca da região.

Na Questão M, perguntamos como o sujeito avaliava sua recepção por parte dos moradores de Delmiro Gouveia/ Santana do Ipanema, considerando o fato de ser um(a) não nordestino(a). Os dados estão dispostos no Gráfico 5, visto que, para esta questão, eles deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5. Para a pergunta destacada – *Péssima*

Recepção/ Ótima Recepção, tendo: 1 como *péssima recepção*, 2 como *recepção ruim*, 3 como *parcialmente*, 4 *boa recepção* e 5 como *ótima recepção*.

Gráfico 5: Resultado das respostas à questão M



Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

A avaliação menos positiva para a receptividade dos moradores de Delmiro Gouveia/Santana do Ipanema foi à do S6, que deu a nota 2 (*Recepção Ruim*). Os Sujeitos S1 e S5 deram a nota 3 (*Parcialmente*) e os sujeitos S2, S3, S4 e S7 atribuíram a nota 5 (*Ótima Recepção*), o que equivale a 57,1% do total.

Na Questão N, perguntamos qual(is) imagem(ns) eles passaram a ter (e não tinha antes) sobre essa região após fixar residência no Sertão nordestino. Os dados estão dispostos no Quadro 3.

Quadro 3 – Resultado das respostas à questão N

| Características atribuídas ao Sertão Nordeste, após os informantes fixarem residência na região. | S1 | S2 | S3 | S4 | S5 | S6 | S7 |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Seca | | | | | | | |
| Fome/ Pobreza/ Miséria | | | | | | | |
| Fatura/Riqueza | | | | | | | |
| Violência | | | | | | | |
| Ricas em beleza naturais, cultura e tradição | | | | | | | |
| Hospitalidade | | | | | | | |
| Outros | | | | | | | |

Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Os sujeitos da pesquisa, ao serem pedidos a listar qual(is) imagem(ns) construíram do sertão nordestino após fixarem residência nessa região, atribuíram a ela diversas características positivas, a saber: *ricas em belezas naturais, cultura e tradição* foi a característica escolhida por todos os respondentes (100%). Outra característica foi a *Hospitalidade*, que foi atribuída por quatro dos sete (57,1%) sujeitos (S2, S3, S4 e S5). A alternativa *Fartura/Riqueza* recebeu apenas duas atribuições (S1 e S2).

Em relação às características negativas, a *Seca*, a *Fome/Pobreza/Miséria* e a *Violência* receberam uma atribuição cada, respectivamente dos seguintes sujeitos: S5, S2 e S5. Por fim, a opção *Outros* não foi escolhida por nenhum informante. Podemos concluir que, após conhecerem o sertão nordestino, esses universitários tiveram uma imagem mais realista e não caricaturada da região, longe da representação simplista expressa pela mídia.

Na Questão O, pedimos que justificassem sua(s) resposta(s) para a pergunta N anterior, caso se sentissem à vontade. Os sujeitos S2, S3, S5 e S7 explicaram o motivo de terem escolhido determinadas características, ao passo que os sujeitos S1, S4 e S6 optaram por não responder essa questão.

S2, curitibano, 27 anos de idade, citou a desigualdade social e a força que existe no sertão, além das belezas naturais, que na sua opinião são únicas:

“Percebi como a desigualdade é intensa e escancarada, mas por outro lado, como existe uma resistência muito forte do povo e uma cultura do “faça você mesmo”, percebi uma esperteza pra lidar com a vida que não existe no sul, uma solidariedade forte também. O sertão é rico e forte em muitas coisas, só não é bem distribuída essa riqueza. Conheci as belezas naturais e históricas que só têm por aqui” (S2).

S3, rio-branquense, 23 anos de idade, atribuiu a característica *violência* ao sertão nordestino e justificou ser isso produto da influência da mídia. Após conhecer o sertão nordestino, S3 não associou a *violência* como uma característica da região, mas a *tranquilidade*: *“Embora haja os pontos negativos, o sertão surpreende com seus pontos positivos. Em se tratando de Delmiro Gouveia, é de se admira a tranquilidade que a cidade passa, mesmo que hoje não seja a mesma segurança de 4 anos atrás”.*

Outra justificativa relevante foi dada por S5, paulistano, 33 anos de idade, que revela ter sido preconceituoso ao atribuir algumas características negativas antes de conhecer o sertão nordestino: *“Os preconceitos transformaram-se em impressões que em grande parte não comprovaram a visão anterior, principalmente em relação aos pontos negativos”.* S7, carioca, 23 anos de idade, ao conhecer o sertão nordestino, não cita mais a seca como uma característica da região, mas sim, as belezas naturais: *“Após estar morando e conhecendo um*

pouco mais uma parte do Nordeste, pude ver o quão é grandioso em belezas naturais, de cultura e tradição, e como procura-se manter vivo”.

Como conclusão, o que ficou mais saliente foi que, após conhecerem e fixarem residência no sertão nordestino, S2, S3, S5 e S7 (57,1%) desconstruíram crenças negativas ou preconceituosas acerca da região.

Na Questão P, perguntamos a esses sujeitos com quais falantes da região Nordeste ele tinham ou têm contato frequente, dando todas as nove opções da região, permitindo mais de uma resposta. Sabendo que, os informantes da pesquisa não são da região Nordeste, e a sede da UFAL – Campus do Sertão está localizada em Delmiro Gouveia/AL, que faz fronteira com cidades dos estados de Pernambuco, Sergipe e Bahia, foi indagado com quais falantes da região Nordeste os informantes mantem contato.

Os sujeitos S1 até S6 referem-se a universitários da sede do CS-UFAL, em Delmiro Gouveia, sendo que apenas S7 à Unidade de Ensino do *campus*, em Santana do Ipanema. Os resultados estão no Quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – Resultado das respostas à pergunta *Com quais falantes da região Nordeste você tem contato frequente?*

| Contato frequente com falantes do Nordeste | S1 | S2 | S3 | S4 | S5 | S6 | S7 |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Alagoan@s | | | | | | | |
| Pernambucan@s | | | | | | | |
| Sergipan@s | | | | | | | |
| Baian@s | | | | | | | |
| Paraiban@s | | | | | | | |
| Potiguares (RN) | | | | | | | |
| Cearenses | | | | | | | |
| Piauienses | | | | | | | |
| Maranhenses | | | | | | | |

Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Todos os informantes da pesquisa responderam que têm proximidade com falantes alagoanos, até por residirem nesse estado nordestino. Os sujeitos S2, S3, S4, S5 e S6 informaram que possuem contato também com pernambucanos e com baianos. Em relação aos sergipanos, apenas o S5 informou ter contato com esses falantes. Por fim, os sujeitos S2 e S4 indicaram ter convívio com falantes cearenses. Nenhum informante indicou ter contato com falantes paraibanos, potiguares, piauienses e maranhenses, o que se justifica pela inexistência de universitários oriundos desses estados no CS-UFAL.

Na subseção seguinte, descrevemos e analisamos as respostas dos sujeitos acerca dos diferentes dialetos do PB, como forma de confirmar ou não as hipóteses da pesquisa.

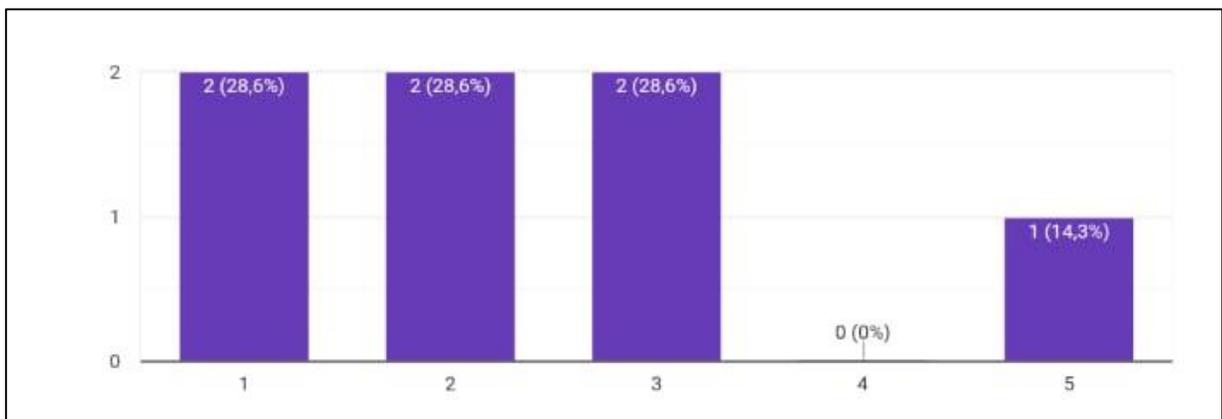
4.2 DIALETOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Nesta subseção, descrevemos e analisamos algumas respostas dos sujeitos. O objetivo foi detectar a variedade de língua portuguesa que é produzida no Nordeste Brasileiro. As perguntas nesta subseção focaram nas crenças e atitudes linguísticas e continuamos a nos valer das respostas dos sete sujeitos da pesquisa.

Para a pergunta 1, *O que você acha do modo de falar (dialeto) de seu estado natal?*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 como forma de avaliar o dialeto de seu estado natal. Para esclarecer as legendas do questionário, tomamos o seguinte padrão: para o par *bonita/feia*, a nota 1 – *muito bonita*; 2 – *bonita*; 3 – *parcialmente bonita*; 4 – *feia*; e 5 – *muito feia*.

As respostas para a pergunta 1 estão dispostas no Gráfico 6 a seguir.

Gráfico 6: Resultado das respostas à variável *bonita/feia*



Elaboração da pesquisadora (2018).

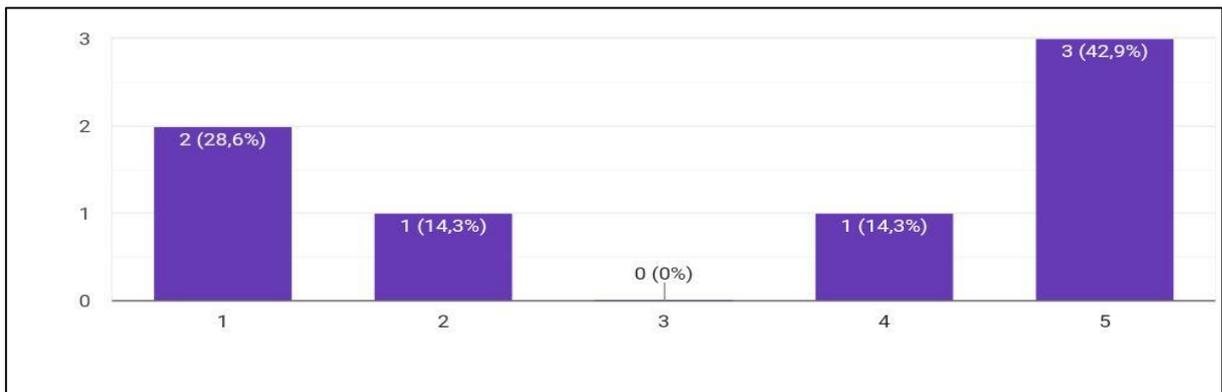
Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para a pergunta 1, as respostas dos sujeitos S3, S4, S6 e S7 são muito positivas: (*Muito bonita* – 2 respostas, S4 (Carioca/ Niteroiense) e S7 (Carioca); *bonita* – 2 respostas, S3 (Acreano/rio-branquense) e S6 (Paulista)). Os sujeitos S1 e S5, ambos paulistas, avaliaram o dialeto de seus estados natais com a nota 3 (*Parcialmente bonita*). A avaliação do sujeito S2 (Paranaense/curitibana), que deu a nota 5 (*Muito feia*), foi a única avaliação negativa em relação ao dialeto do seu próprio estado natal. De certa forma, a imagem que esses sujeitos possuem do dialeto de seus estados natais é majoritariamente positiva.

Para a pergunta 2, *O que você acha do modo de falar (dialeto) de seu estado natal?*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 como forma de avaliar o dialeto de seu estado natal. Para o par *chiado/não chiado*, a nota 1 – *muito chiado*; 2 – *chiado*; 3 – *parcialmente chiado*; 4 – *não chiado*; e 5 – *muito não chiado*.

As respostas para a pergunta 2 estão dispostas no Gráfico 7 a seguir.

Gráfico 7: Resultado das respostas à variável *chiado/não chiado*



Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para *chiado/não chiado*, em relação ao dialeto natal dos informantes, foram dadas as seguintes respostas: enquanto os sujeitos S1 e S5 (Região Sudeste) e S2 (Região Sul) deram nota máxima para *não chiado*, S4 e S7 (ambos da Região Sudeste) deram nota 1, sendo a nota máxima para *chiado*. Já S3 (Região Norte) atribuiu nota 2, considerando o dialeto de seu estado como *chiado*; e S6 (Região Sudeste) deu nota 4, que, de acordo com a avaliação, o seu dialeto é *não chiado*. Desta forma, dos cinco sujeitos informantes da Região Sudeste, três consideram o dialeto do estado natal *não chiado*, e dois informantes consideram o dialeto *chiado*.

Para a pergunta 3, *O que você acha do modo de falar (dialeto) de seu estado natal?*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 como forma de avaliar o dialeto de seu estado natal. Para o par *cantado/não cantado*, a nota 1 – *muito cantado*; 2 – *cantado*; 3 – *parcialmente cantado*; 4 – *não cantado*; e 5 – *muito não cantado*.

As respostas para a pergunta 3 estão dispostas no Gráfico 8 a seguir.

Gráfico 08: Resultado das respostas à variável *cantado/não cantado*

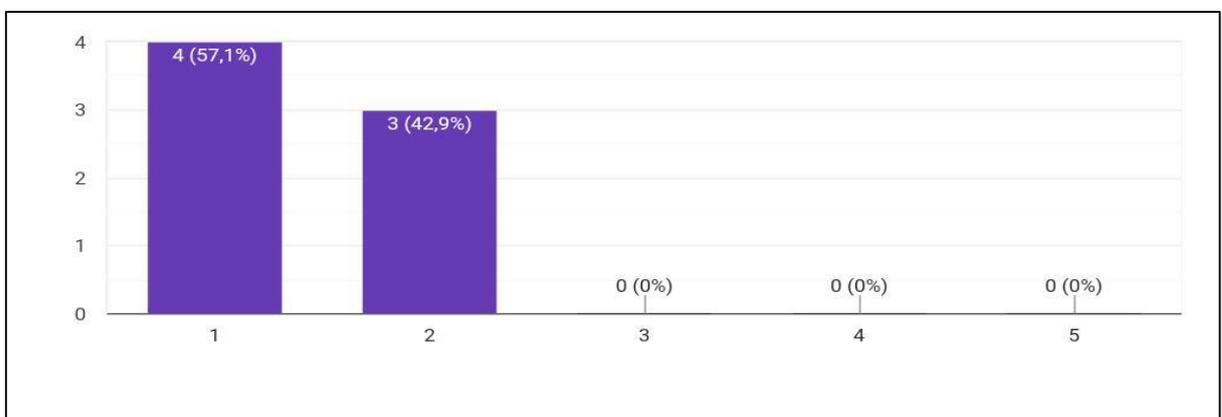
Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para a variável *cantada/não cantada*, do dialeto natal dos sujeitos, cinco informantes: S1, paulistano; S3, rio-branquense; S4, niteroiense; S5, paulistano; e, S7, carioca; registraram que o dialeto natal era *não cantado*. S2, curitibano, deu nota 3 (*Parcialmente cantado*) e S6, paulistano, foi o único informante que considera o seu dialeto cantado, que deu a nota 2 (*Cantado*).

Para a pergunta 4, *O que você acha do modo de falar (dialeto) de seu estado natal?*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 como forma de avaliar o dialeto de seu estado natal. Para o par *claro/confuso*, a nota 1 – *muito claro*; 2 – *claro*; 3 – *parcialmente claro*; 4 – *confuso*; e 5 – *muito confuso*.

As respostas para a pergunta 4 estão dispostas no Gráfico 9 a seguir.

Gráfico 9: Resultado das respostas à variável *claro/confuso*

Elaboração da pesquisadora (2018).

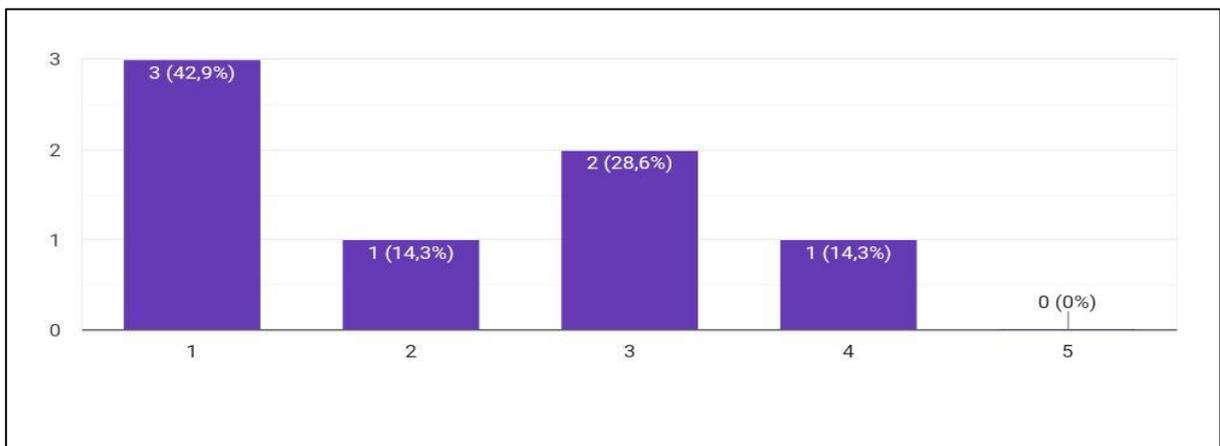
Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para o quesito – *claro/confuso*, todas as respostas dos informantes são muito positivas para os dialetos natais (*Muito claro* – 4 respostas, S2, S4, S5 e S7; *claro* – 3 respostas, S1, S3 e S6). Assim, todos os informantes da pesquisa, avaliam o dialeto de seus estados natais como *muito claro*, nota 1 ou *claro*, com a nota 2.

Para a pergunta 5, *O que você acha do modo de falar (dialeto) de seu estado natal?*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 como forma de avaliar o dialeto de seu estado natal. Para o par *agradável/desagradável*, a nota 1 – *muito agradável*; 2 – *agradável*; 3 – *parcialmente agradável*; 4 – *desagradável*; e 5 – *muito desagradável*.

As respostas para a pergunta 5 estão dispostas no Gráfico 10 a seguir.

Gráfico 10: Resultado das respostas à variável *agradável/desagradável*



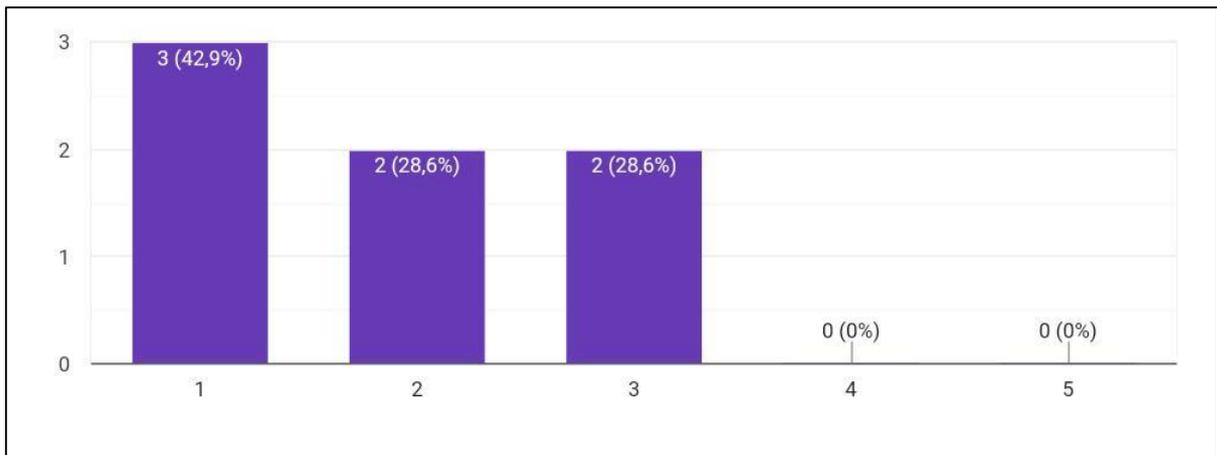
Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para o par variável *agradável/desagradável*, os sujeitos deram mais notas positivas aos seus dialetos natais (*Muito agradável* – 3 respostas, S4, niteroiense; S5, paulistano; e, S7, carioca; *agradável* – uma resposta, S3, rio-branquense). A avaliação menos positiva foi a de S2, curitibano, da região Sul, que deu a nota 4 (*desagradável*). Já os informantes 1 e 6, ambos paulistanos, deram nota 3 (*Parcialmente agradável*).

Para a pergunta 6, *O que você acha do modo de falar (dialeto) de seu estado natal?*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 como forma de avaliar o dialeto de seu estado natal. Para o par *importante/desimportante*, a nota 1 – *muito importante*; 2 – *importante*; 3 – *parcialmente importante*; 4 – *desimportante*; e 5 – *muito desimportante*.

As respostas para a pergunta 6 estão dispostas no Gráfico 11 a seguir.

Gráfico 11: Resultado das respostas à variável *importante/desimportante*

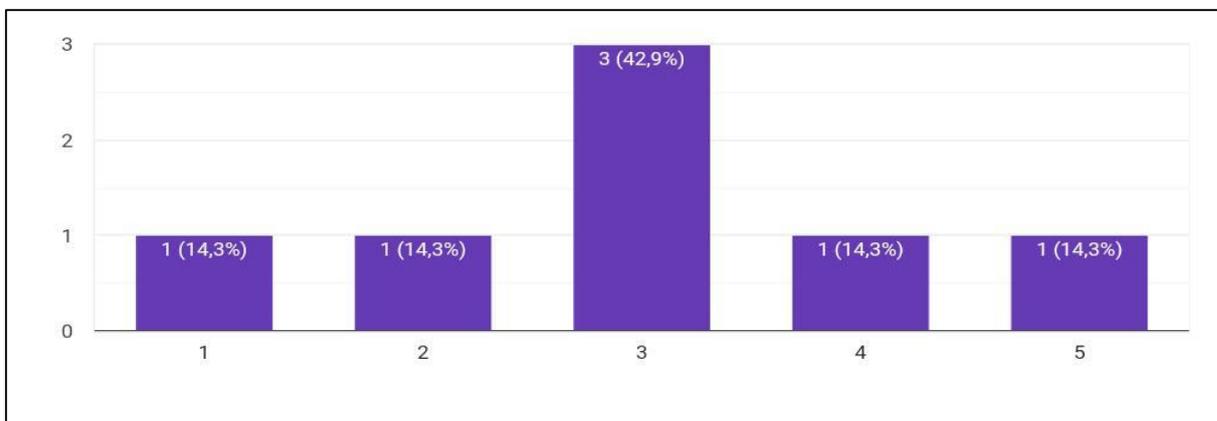
Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para a pergunta destacada – *importante/desimportante*, as respostas dos informantes são positivas em relação a importância do dialeto de seus estados natais. Os sujeitos S1 e S5, ambos paulistanos, e o S2, curitibano e, deram a nota 1 (*Muito importante*); os sujeitos S3, rio-branquense, e S7, carioca, atribuíram a nota 2 (*Importante*). A avaliação menos positiva foi a dos sujeitos S5 e S6, paulistanos, que deram a nota 3 (*Parcialmente importante*).

Para a pergunta 7, *O que você acha do modo de falar (dialeto) de seu estado natal?*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 como forma de avaliar o dialeto de seu estado natal. Para o par *lento/rápido*, a nota 1 – *muito lento*; 2 – *lento*; 3 – *parcialmente lento*; 4 – *rápido*; e 5 – *muito rápido*.

As respostas para a pergunta 7 estão dispostas no Gráfico 12 a seguir.

Gráfico 12: Resultado das respostas à variável *lento/rápido*

Elaboração da pesquisadora (2018).

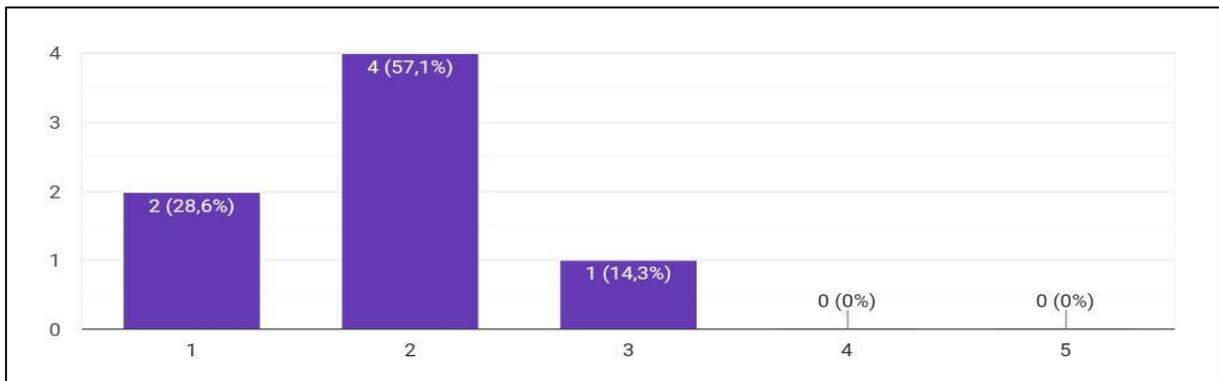
Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

A variável estilística – *lento/rápido* – foi a única pergunta que recebeu nota em todas as opções, o que indica que as avaliações foram diversificadas, não havendo consenso sobre esse aspecto. Os sujeitos S1 e S5, ambos paulistanos, e S7, carioca, avaliaram o dialeto de seus estados de origem com a nota 3 (*Parcialmente lento*). Os sujeitos S2, curitibano, e S3, rio-branquense, deram a nota 1 (*muito lento*) e 2 (*lento*), respectivamente. Já S4, niteroiense, e S6, paulistano, atribuíram as seguintes notas: S4, nota 5 (*muito rápida*) e S6, nota 4 (*rápida*).

As perguntas a seguir, ao contrário, em vez de focar no dialeto natal de cada sujeito, enfoca o dialeto nordestino. A pergunta-padrão foi *Atualmente, como você avalia o modo de falar (dialeto) dos sertanejos nordestinos com quem você tem contato?*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 para cada par, como forma de avaliar o dialeto dos sertanejos nordestinos. Para o par *bonito/feio*, a nota 1 – *muito bonito*; 2 – *bonito*; 3 – *parcialmente bonito*; 4 – *feio*; e 5 – *muito feio*.

As respostas para o par *bonita/feia* estão dispostas no Gráfico 13 a seguir.

Gráfico 13: Resultado das respostas à variável *bonito/feio*

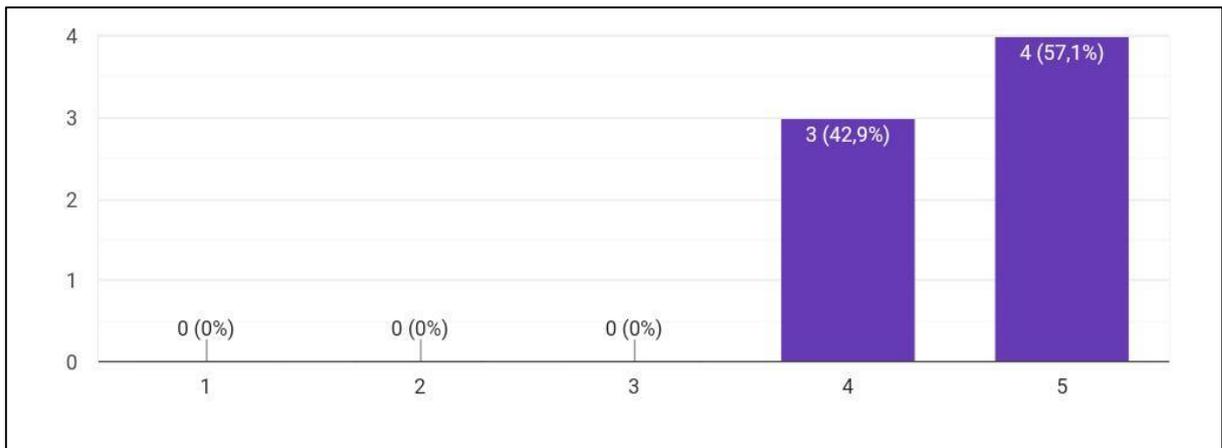


Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para a variável *bonita/feia*, as respostas dos informantes são positivas em relação ao dialeto dos nordestinos. Os sujeitos S2 e S4 deram a nota 1 (*Muito bonita*); os sujeitos S3, S5, S6 e S7 atribuíram a nota 2 (*bonita*). A avaliação menos positiva foi a do sujeito 1, que deu a nota 3 (*Parcialmente bonita*).

Para o par *chiado/não chiado* os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 para o dialeto/falar nordestino com quem eles têm contato. As respostas para a pergunta 2 estão dispostas no Gráfico 14 a seguir

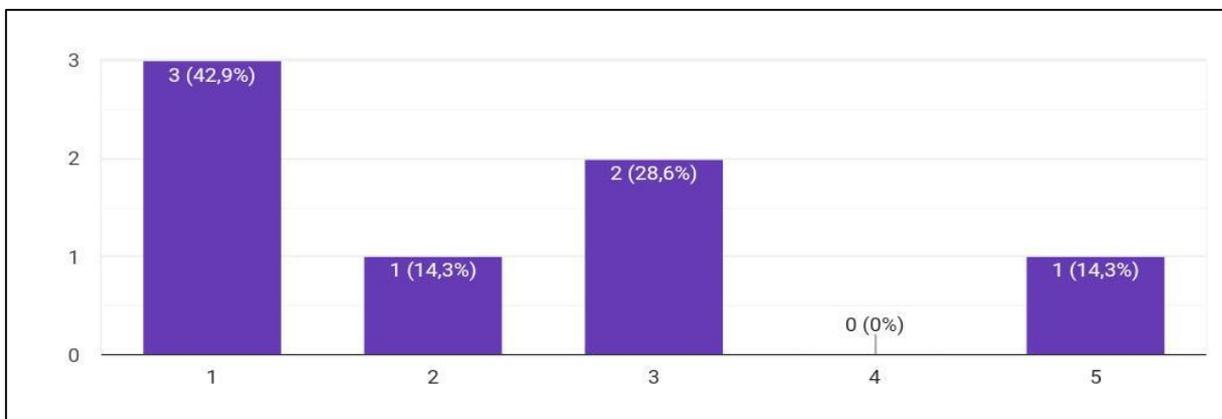
Gráfico 14: Resultado das respostas à variável *chiado/não chiado*

Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para *chiado/não chiado*, os informantes da pesquisa não consideram a fala do nordestino como *chiada*. Os sujeitos S1, S2, S4 e S7 deram nota máxima para *não chiado*, e os sujeitos S3, S5 e S6 atribuíram a nota 4 para *não chiado*. Desta forma, os 07 informantes consideram que o nordestino *não chia*, crença possível que se compara com o falar dos informantes das Regiões Sudeste e Sul, que de acordo com a percepção dos próprios informantes, costumam realizar palatalmente os sons /tʃ/ e /dʒ/.

Para o par *cantado/não cantado*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 para o dialeto/falar nordestino com quem eles têm contato. As respostas para a pergunta 3 estão dispostas no Gráfico 15 a seguir.

Gráfico 15: Resultado das respostas à variável *cantado/não cantado*

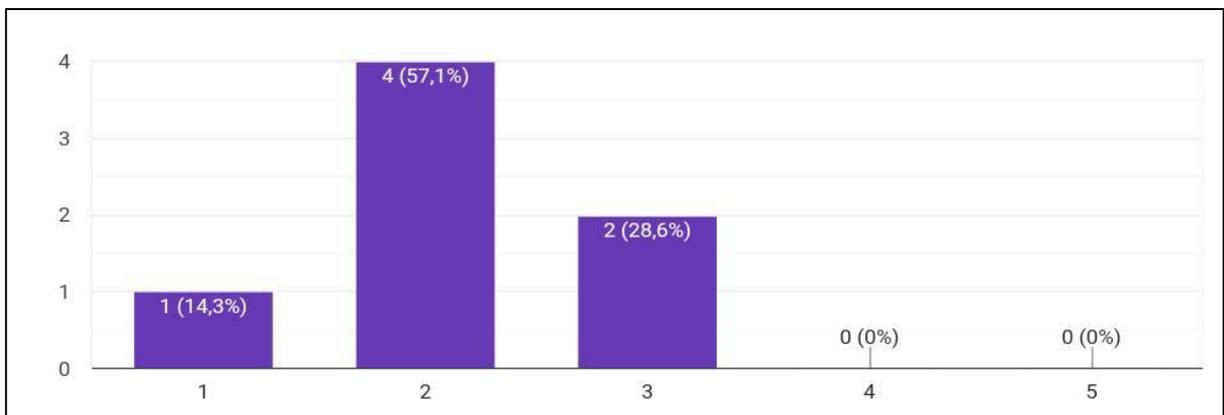
Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para a variável – *cantado/não cantado*, 3 informantes (S4, S6 e S7) deram a nota máxima para *cantado*, para o dialeto nordestino. O informante 3 deu nota 2 (*Cantado*); os sujeitos S2 e S5 atribuíram a nota 3 (*Parcialmente cantada*); e, o S1 foi o único informante que deu a nota máxima, considerado a fala nordestina como *não cantado*.

Para o par *claro/confuso*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 para o dialeto/falar nordestino com quem eles têm contato. As respostas para a pergunta 4 estão dispostas no Gráfico 16 a seguir.

Gráfico 16: Resultado das respostas à variável *claro/confuso*

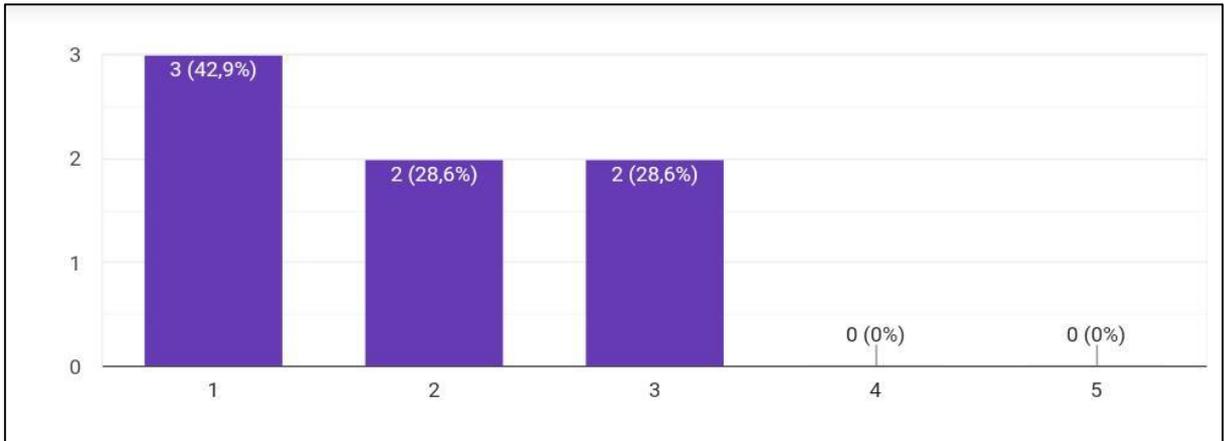


Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para a variável – *claro/confuso*, todas as respostas dos informantes são muito positivas em relação à clareza do dialeto do sertanejo nordestino. O informante 2 atribuiu a nota máxima (*Muito claro*); os sujeitos S3, S4, S5 e S7 deram a nota 2 (*Claro*); e, os sujeitos S1 e S6 deram a nota 3 (*parcialmente claro*). Assim, todos os informantes da pesquisa, avaliam o dialeto dos nordestinos com quem mantiveram contato de forma positiva: nenhuma resposta acima de 3 foi atribuída, o que demarca que estes consideram o falar nordestino claro.

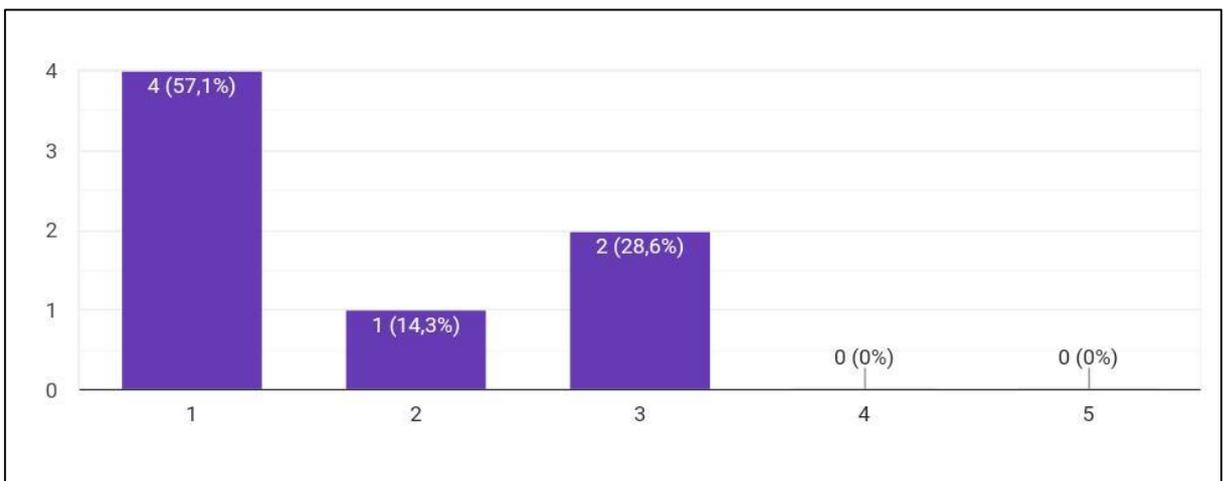
Para o par *agradável/desagradável*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 para o dialeto/falar nordestino com quem eles têm contato. As respostas para a pergunta 5 estão dispostas no Gráfico 17 a seguir.

Gráfico 17: Resultado das respostas à variável *agradável/desagradável*

Elaboração da pesquisadora (2018).
 Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Para *agradável/desagradável*, os informantes deram notas positivas para o dialeto nordestino (*Muito agradável* – 3 respostas, S2, S4 e S5; *agradável* – 2 respostas, S3 e S6). A avaliação menos positiva foi a dos informantes 1 e 7, que deram a nota 3 (*Parcialmente agradável*).

Para o par *importante/desimportante*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 para o dialeto/falar nordestino com quem eles têm contato. As respostas para a pergunta 6 estão dispostas no Gráfico 18 a seguir.

Gráfico 18: Resultado das respostas à variável *importante/desimportante*

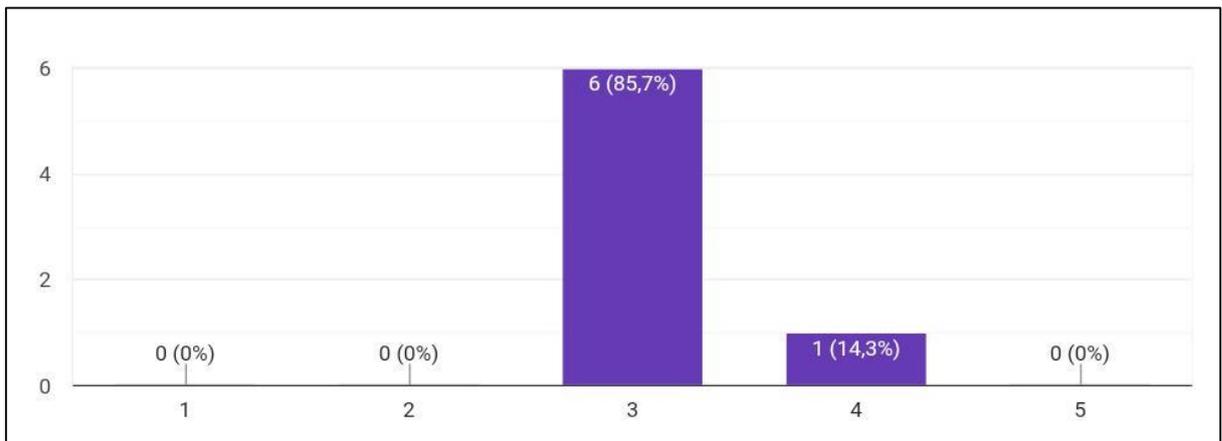
Elaboração da pesquisadora (2018).
 Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

O Gráfico 18 traz as respostas para o par variável *importante/desimportante*. Os sujeitos S1, S4 e S7 deram a nota 1 (*Muito importante*); S3 atribuiu a nota 2 (*Importante*). Já a

avaliação menos positiva foi a dos sujeitos S5 e S6, que deram a nota 3 (*Parcialmente importante*). Isso indica que esses sujeitos avaliaram positivamente o dialeto dos nordestinos.

Também perguntamos sobre o par *lento/rápido*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5 para o dialeto/falar nordestino com quem eles têm contato. As respostas para a pergunta 7 estão dispostas no Gráfico 19 a seguir.

Gráfico 19: Resultado das respostas à variável *lento/rápido*



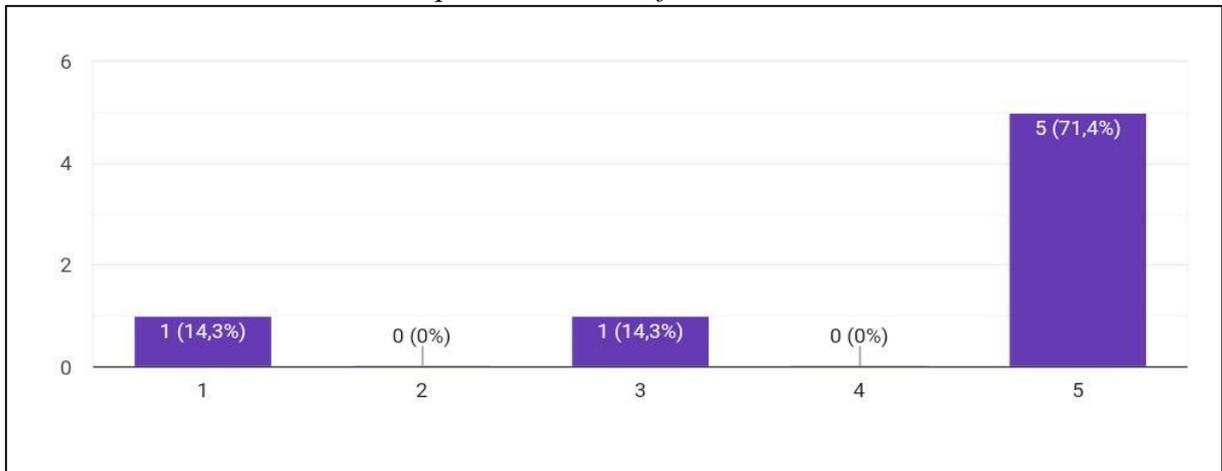
Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

O Gráfico 19 traz as respostas para o par variável *lento/rápido*. Os sujeitos S1, S2, S4, S5, S6 e S7 deram a nota 3 (*Parcialmente lento*), apenas o sujeito S3 foi taxativo e assinalou a fala nordestina como *rápida*, com a nota 4), mesmo assim, sem atribuí-la como totalmente rápida. Isso indica que esses sujeitos avaliaram o dialeto nordestino como *lento*.

Outra pergunta do questionário foi: *Em sua opinião, a sua maneira de falar é mais bonita que a maneira de falar dos nordestinos?*. Para esta pergunta, os informantes deveriam atribuir uma nota numa escala de 1 a 5, como forma de concordar ou não com ao questionamento: 1 como *concordo plenamente*, 2 como *concordo*, 3 como *concordo parcialmente*, 4 como *discordo* e 5 como *discordo totalmente*.

Gráfico 20: Resultado das respostas à pergunta *Em sua opinião, a sua maneira de falar é mais bonita que a maneira de falar dos nordestinos?*



Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Como respostas, apenas S7 afirma que a sua maneira de falar é mais bonita que a maneira de falar dos nordestinos, atribuindo a nota máxima (*concordo totalmente*). O S3 atribuiu a nota 3, concordando parcialmente com a pergunta e os sujeitos S1, S2, S4, S5 e S6 deram nota 5 (*discordo totalmente*). Percebemos, em geral, que os sujeitos desta pesquisa discordam total ou parcialmente da pergunta *Em sua opinião, a sua maneira de falar é mais bonita que a maneira de falar dos nordestinos?*.

Para a pergunta *Você percebe diferenças linguísticas entre seus colegas de turma da UFAL e os habitantes da cidade?*, apenas S4 não deu uma resposta. S7 respondeu que não notou nenhuma diferença linguística entre os universitários de Santana do Ipanema e os habitantes das cidades. Dos universitários da sede do CS-UFAL, S2 informou que não percebeu muita diferença e justificou afirmando que as pessoas que tiveram menos acesso à educação escolar possuem um vocabulário mais simples, levando em consideração a variação diastrática ou social. Esse é o depoimento de S2:

“Não percebo muita diferença não, com o tempo os estudantes vão agregando novas palavras ao vocabulário, mas percebo que as gírias fazem parte da forma de se expressar, todos falam. É claro que pessoas com menos acesso à educação escolar, leituras e debates, terá um vocabulário mais simples” (S2).

Ao relatar seu posicionamento acerca da questão, S3 afirma que a linguagem dos seus colegas de turma é mais formal do que a linguagem dos habitantes da cidade que reside: *“Em se tratar de meio acadêmico, a linguagem é mais formal na maioria das vezes”*. Os sujeitos S1, S5 e S6 afirmaram perceber diferenças linguísticas. S1 justifica que a diferença ocorre

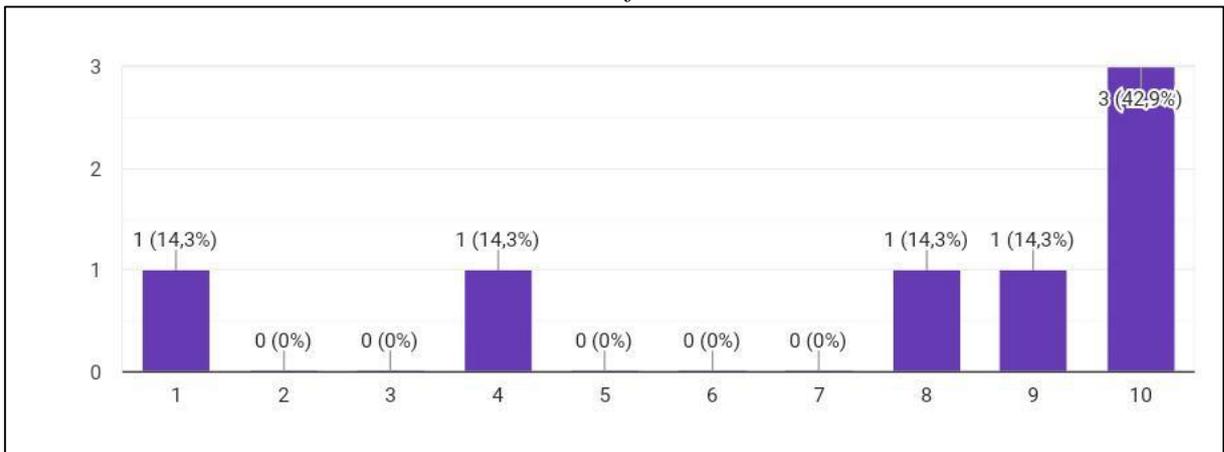
porque há pessoas de cidades diferentes, e S5 faz relação à variação diatópica, levando em consideração o sotaque das pessoas: “*Sim, mas não saberei identificar todos os estados nordestinos pelo sotaque, por exemplo*”. Já S6 afirma que percebe as diferenças linguísticas através dos “bordões” utilizados pelos sujeitos:

“Sim. O que mais chama a minha atenção são os diferentes bordões utilizados pelos sujeitos que interajo. Percebo que há uma mesclagem de bordões tradicionais da região com termos que surgiram nos dias atuais provenientes do espaço digital (redes sociais)” (S6).

Como respostas, notou-se, em geral, que os sujeitos – informantes desta pesquisa notaram diferenças linguísticas entre os universitários da CS – UFAL e os habitantes da cidade. A diferença foi destacada pelo fator nível de escolaridade dos informantes, além disso, foi destacado pelos informantes o uso de gírias e bordões dos nordestinos, assim como, o sotaque da região.

Para a pergunta *Ao entrar em contato com o falar dos universitários nordestinos, o quão diferente você considerou do seu dialeto natal/ do seu modo de falar?*, os sujeitos deveriam atribuir uma nota em uma escala de 1 a 10, como forma de verificar o grau de autoconsciência linguística dos informantes. Tomando como base a nota 1 para *completamente igual* e 10 para *totalmente diferente*, temos os seguintes resultados:

Gráfico 21: Resultado das respostas à pergunta *Ao entrar em contato com o falar dos universitários nordestinos, o quão diferente você considerou do seu dialeto natal/ do seu modo de falar?*



Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

O Gráfico 21 apresenta as notas atribuídas para a pergunta *Ao entrar em contato com o falar dos universitários nordestinos, o quão diferente você considerou do seu dialeto natal/*

do seu modo de falar?. Os resultados foram: 1 (S4), 4 (S6), 8 (S1), 9 (S3) e, 10 (S2, 5 e 7). As notas 2, 3, 5, 6 e 7 não receberam nenhuma atribuição. S4, natural de Niterói-RJ, foi a única a considerar o seu dialeto *completamente igual* ao dialeto dos universitários nordestinos. S6, natural de São Paulo-SP, atribuiu nota 4, considerado o seu dialeto semelhante ao dialeto dos nordestinos. Já, o informante 1 (Região Sudeste) – atribuiu a nota 8 e S3 (Região Norte) deu a nota 9, considerando os dialetos diferentes. S2, S5 e S7, das regiões Sul e Sudeste, foram categóricos ao afirmarem que consideram os seus dialetos *totalmente diferentes* do modo de falar dos nordestinos. Desta forma, cinco dos sete informantes declararam que seus dialetos natais diferem do dialeto dos universitários nordestinos, o que confirma o argumento de Neri-Santos (2017, p. 170) “[...] o PB não é homogêneo e que os brasileiros não falam uma única língua”.

Para a pergunta *Em sua opinião, os dialetos de qual(is) falante(s) apresenta(m) um modo de falar bonito?* foram dadas as seguintes opções: *Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte, Nordeste*, e, *não acho bonito nenhum destes falares*, com a possibilidade dos informantes poderem marcar mais de uma opção para o predicativo positivo em relação aos variados dialetos do Português Brasileiro. De acordo com Cyranka (2014): “A avaliação linguística [...] desencadeia o processo de construção de julgamentos subjetivos do falante em relação a sua língua, a seu dialeto e ao seu interlocutor na construção das chamadas atitudes linguísticas” (CYRANKA, 2014, p. 132). No gráfico 22, temos os seguintes dados:

Gráfico 22: Resultado das respostas à pergunta *Em sua opinião, os dialetos de qual(is) falante(s) apresenta(m) um modo de falar bonito?*



Elaboração da pesquisadora (2018).

Fonte: Questionário da pesquisa, adaptado de Cardoso (2015).

Os sujeitos S1, S3, S5 e S7 optaram por apenas uma alternativa. S1, da Região Sudeste, considerou que os falantes da região Sul apresentam um modo de falar bonito. S3, natural da região Norte, considera bonito o dialeto da região Centro-Oeste. O dialeto dos falantes da região Nordeste foi declarado como bonito por S5, que é natural da Região Sudeste. Já S7, da região Sudeste, considerou bonito o dialeto da sua própria região. S2, da região Sul, afirmou que os falantes das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste apresentam um modo de falar bonito. E S4 e S6, ambos da região Sudeste, foram os únicos a afirmar que os falantes de todas as regiões brasileiras apresentam um falar bonito. Por fim, a opção *não acho bonito nenhum destes falares* não foi escolhida por nenhum dos sujeitos da pesquisa.

Desta forma, os dialetos das regiões Sul, Sudeste e Norte foram considerados bonitos por três informantes, a saber: Região Sul (S1, S4 e S6); região Sudeste (S4, S6 e S7); e região Norte (S2, S4 e S6). Já o falar das regiões Centro-Oeste e Nordeste foram considerados bonitos por quatro informantes: região Centro-Oeste (S2, S3, S4 e S6); e região Nordeste (S2, S4, S5 e S6).

O fato de os informantes da pesquisa estarem residindo na região Nordeste pode ter influenciado suas respostas, ao atribuírem a característica bonita para o dialeto/falar dos nordestinos. Pois os sujeitos que atribuíram tal característica são naturais das regiões Sul e Sudeste, regiões estas que apresentam maior índice de estigmas contra a região Nordeste e, conseqüentemente, contra os nordestinos.

A pergunta *Após residir na Região Nordeste, quais seus principais “estranhamentos” em relação à linguagem, cultura, costumes/hábitos, vestuários, outros?* buscou destacar questões subjetivas acerca das crenças e das atitudes desses sujeitos. Transpareceram crenças individuais que foram adquiridas após os mesmos conhecerem a região Nordeste, a saber: hábitos, costumes, língua e cultura. Queríamos entender em que grau os universitários não nordestinos quebraram paradigmas negativos associados a essa região.

Todos os sujeitos, exceto S3, citaram como principais “estranhamentos” os costumes, hábitos e as gírias dos nordestinos. Houve também por parte dos informantes um “estranhamento” em relação à culinária nordestina. Já, em relação ao vestuário, não foi identificado nenhuma reação de diferença por parte dos sujeitos.

S1, por exemplo, foi superficial ao citar essas diferenças: “[...] o que mais chamou-me a atenção foram alguns aspectos voltados aos costumes/hábitos”. Em relação a aspectos linguísticos, S2 afirma que:

“Na linguagem tudo foi um estranhamento de início, eu mal entendia o que as pessoas falavam, são sotaques e gírias completamente diferentes, mas

depois me acostumei e incorporei rápido a linguagem, hoje em dia são pouquíssimas gírias ou palavras que eu não entendo” (S2).

Já S2 e S3 citaram “estranhamentos” relacionados à variação lexical, diatópica ou regional. S3 destacou que passou por um processo de “adaptação linguística”, tomando como parâmetro o vocabulário:

“Algumas palavras do cotidiano são bem diferentes a respeito do meu local de origem. Termos como “Pocar” e “Muriçoca” são ditos diariamente como “Espocar” e “Carapanã” em minha cidade natal. Precisei me adaptar à linguagem local para não sofrer chacotas ou evitar estar explicando” (S3).

Nesta subseção, discutimos e analisamos as respostas dos sujeitos dadas no questionário acerca dos diferentes dialetos do Português Brasileiro. Na seção seguinte (V), respondem-se às hipóteses levantadas na Introdução, alinhando os objetivos e os resultados obtidos.

V. CONCLUSÕES

Sabendo que a língua é o principal meio de interação entre os indivíduos de uma comunidade, faz-se necessário, a partir dela, tentar coletar o comportamento/atitudes dos falantes, a fim de identificar juízos de valor e comportamentos. Estudos sobre crenças e atitudes linguísticas são extremamente relevantes para a ampliação do debate sobre a heterogeneidade linguística, mais precisamente, sobre a variação linguística existente no Brasil. Desta forma, nosso trabalho descreveu e analisou crenças e atitudes linguísticas de sete graduandos não nordestinos do *Campus* do Sertão da UFAL, tomando suas percepções linguísticas e extralinguísticas.

Os resultados obtidos revelaram que os universitários não nordestinos, antes de conhecerem a Região Nordeste, possuíam uma visão negativa do sertão nordestino e, por sua vez, foram construídas a partir das crenças de seus grupos sociais e principalmente da mídia, reduzindo-a à imagem da seca, miséria, fome, pobreza e outros predicados negativos. Nossa análise também aponta que, após os informantes conhecerem e virem a residir no sertão nordestino, passaram a avaliá-la mais positivamente, quebrando estigmas e (pre)conceitos.

Em relação à linguagem, os sujeitos atribuíram atitudes linguísticas positivas tanto aos dialetos de seus estados natais quanto ao dialeto nordestino. Houve também, por parte dos sujeitos, estranhamentos quanto à cultura nordestina, no tocante, a culinária, hábitos, costumes, gírias e sotaques. Foi possível detectar através das respostas, um reconhecimento da variação linguística que existe no Português Brasileiro, principalmente, à variação diatópica, diastrática e lexical.

Por fim, temos a consciência de que os resultados aqui apresentados servem como um retrato sociolinguístico dos primeiros emigrantes desse recente campus universitário. Cremos que a consolidação do *campus* nas próximas décadas possa tomar este estudo como parâmetro.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, V. 37, n. 2, 2008, p. 105-112.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M.. **Nordestino**: invenção do ‘falo’ – uma história de gênero masculino (1920-1940). 2.ed. São Paulo. Intermeios, 2013.

ALKMIN, T. Sociolinguística – parte I. in: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras, v. 1, 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

AMARAL, M. P. **Dialetologia perceptual**: mapas mentais no sul do Brasil. *XVII Congreso Internacional Asociación De Lingüística Y Filología De América Latina – ALFAL* 2014. João Pessoa, 2014.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Crenças e Ensino de Línguas**: Foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas: Pontes, 2006, p. 15-42.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolinguísticas**: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes, 2007.

BOTASSINI, J. O. M.. A importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2MtlEtf>. Acesso em: 11 mar. 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF 5a a 8a séries, p. 29. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2017.

BRASIL. **Decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Brasília, 24 de abril de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm. Acesso em: 27 jul. 2017.

BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso: 08 de novembro de 2018.

CARDOSO, D. P. **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialectos Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S. A.; FERREIRA, C. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARVALHO, R. J. R. de. **Língua Variação e Ensino**: o que pensam os estudantes de letras da UFAL – Campus Sertão. Monografia (Letras). Delmiro Gouveia: Universidade Federal de Alagoas, 2017.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 141-155.

COELHO, I. L. et al.. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CYRANKA, L. F. M. **Atitudes lingüísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora-MG**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

CYRANKA, L. F. M. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. In: MARTINS, M.; VIEIRA, S.; TAVERES, A. (Org.). **Ensino de português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 133-156.

ECKERT, P. **Three waves of variation study**: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

FARACO, C. A. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). **Lingüística da norma**. São Paulo: Parábola, 2002, p. 37-61.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREITAG, R. M. K.. Prefácio: Atitudes e Identidade Linguística: muito chão pela frente. In: CARDOSO, D. P. **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialetoes Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015, p. 3-8.

GILES, H.; RYAN, E. B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E. B. (Ed.). **Attitudes towards language variation**: social and applied context. London: Edward Arnold, 1982, p. 1-19.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://bit.ly/2R5Jk8N>. Acesso em: 01 ago. 2017.

GUEDELHA, C. A. M. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dialetológico. **Revista Gatilho**. PPGL/UFJF. v. 13, p. 1-20, 2011.

ILARI, R.; BASSO, R.. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2011. p. 151-196.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LIMA, V. C.; NÓBREGA, D. O. Situando a Interiorização Universitária da Universidade Federal de Alagoas: o contexto universitário nacional e local que a antecede. **VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**. São Cristóvão/ SE: 2012.

LOPES, N. da S.; ARAÚJO, S. S. de F.; FREITAG, R. M. Ko.. **A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher, 2016. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580392173/00.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2017.

LOURENÇO, D. S. Um olhar sobre o outro: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Anais do III CIELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários**. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. 5. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

MARINE, T. C.; BARBOSA, J. B.. Em Busca de um ensino sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 19/1, p. 185-215, jun. 2016.

MEC. **Expansão**. REUNI. 24 fev 2010. Disponível em <http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=100&Itemid=81> Acesso em 10 out. 2018.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MITCHELL, J. C. A questão da quantificação na antropologia social. In: FELDMAMBIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987. p. 77-126.

MORAIS, M. R.; ANDRADE, K. S.. Crenças e atitudes linguísticas como ferramentas de ensino e de aprendizagem de língua portuguesa. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, 2014.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

NERI-SANTOS, C. A.. Crenças e atitudes de variedades linguísticas no nordeste brasileiro: como universitários de uma zona de fronteira dialetal percebem a língua portuguesa?. **Revista Leitura**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFAL), v.2, p. 168-184, 2017.

PAIM, M. M. T.. **A Variação Diageracional em Pernambuco**. XVII congresso internacional asociación de linguística filología da América Latina (ALFAL 2014). João Pessoa-Paraíba, Brasil.

PASQUALOTTI, A.; PORTELLA, M. R. **Quantitativo-Qualitativo: o que precisamos saber sobre os métodos?**. Universidade de Passo Fundo. Faculdade de Educação. Disponível em: <usuarios.upf.br/~pasqualotti/quantitativo_qualitativo.ppt>. Acesso em: 03 julho 2017.

ROKEACH, M. **Naturaleza de las actitudes. Enciclopedia internacional de las ciencias sociales**, V. I, Madrid: Aguilar, p. 14-21, 1974.

SANTOS, E. **Certo ou errado?** atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SOUZA, E. C de. **Crenças e atitudes de professores e alunos no Brasil e na Espanha, sobre variação linguística**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Projeto de Interiorização da Universidade Federal de Alagoas: uma expansão necessária**. Comissão de estudos sobre a interiorização da Universidade Federal de Alagoas, 2005. Disponível em: <http://www.copeve.ufal.br/concursos/docente_ufal/projeto_interiorizacao_arapiraca.pdf>. Acesso em: 01 de agosto de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Programa de Expansão e de Reestruturação da Universidade Federal de Alagoas**. Segunda Etapa da Interiorização: Campus do Sertão – Sede Delmiro Gouveia e Polo Santana de Ipanema: Maceió, 2009. Disponível em: http://www.copeve.ufal.br/concursos/docente_ufal/projeto_interiorizacao_sertao.pdf. Acesso em: 01 ago. 2017.

VITÓRIO, E. G. S. L. A.. **Variação linguística e ensino: crenças e atitudes linguísticas**. **Signum**: Estudos de Linguagem, Londrina, v. 20, p. 118-146, 2017.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].

APÊNDICE

Apêndice A – Questionário estruturado da pesquisa: versão *online*

Crenças e Atitudes Linguísticas de Universitários não-nordestinos

Saudações acadêmicas!

Sou TAIANA DA SILVA LIMA e esta pesquisa faz parte de nosso Trabalho de Conclusão de Curso em Letras/Língua Portuguesa. Sou discente do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas e estou sob orientação do Prof. Me. Cezar Alexandre Neri Santos.

Sua participação neste questionário online nos ajudará, sobremaneira, a descrever e analisar como alunos que não são nativos do Nordeste brasileiro veem a Língua Portuguesa produzida nesta região.

Lembre-se de que seus dados são confidenciais. Nenhum dados pessoal será compartilhado, tampouco faremos algum juízo de valor será expresso a partir de suas respostas. Portanto, contamos com sua completa honestidade.

Assim, obrigado, desde já, por contribuir para uma descrição sócio-dialetal mais verossímil do sertão nordestino!
Taiana Lima

* Required

1. Email address *

Perfil do Informante

Neste campo, pediremos algumas informações pessoais e acadêmicas para uma contextualização mais consistente.

2. a. Gênero *

3. b. Curso *

Mark only one oval.

- LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA
- PEDAGOGIA
- HISTÓRIA
- GEOGRAFIA
- ENGENHARIA CIVIL
- ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
- CIÊNCIAS CONTÁBÉIS
- CIÊNCIAS ECONÔMICAS

4. c. Qual período você está cursando em 2017/2? P.s.: Tome como referência o ano de ingresso na UFAL. *

Check all that apply.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- Vínculo TCC

5. d. Naturalidade (Cidade e estado) *

Secção - Crenças e atitudes sobre o Nordeste Brasileiro

Nesta secção, pedimos o máximo de sinceridade durante as respostas acerca de suas percepções sobre o Nordeste brasileiro. Recordamos, mais uma vez, sobre a confidencialidade de seus dados.

6. e. Onde passou boa parte de sua infância e adolescência (Cidade e estado) *

7. f. Idade *

8. g. Há quanto tempo você reside em Delmiro Gouveia / Santana do Ipanema ou circunvizinhança (em anos)? *

Mark only one oval.

- Menos de 1 ano.
- Entre 1 e 2 anos.
- Entre 2 e 3 anos.
- Entre 3 e 4 anos.
- Entre 4 e 5 anos.
- Mais de 5 anos.

9. **h. Você já esteve no Nordeste antes de iniciar o curso na UFAL – Campus do Sertão. Se sim, por qual o motivo? ***

Check all that apply.

- Não
 Lazer
 Visita a amigos ou parentes
 Negócios ou trabalho de parentes
 Tratamento de saúde
 Estudos
 Outros

10. **i. Você já morava no Nordeste antes de iniciar o curso na UFAL - Campus do Sertão? ***

Mark only one oval.

- Sim
 Não

11. **j. Você já tinha ouvido falar sobre a cidade onde estuda (Delmiro Gouveia / Santana do Ipanema) antes de ser aprovado no ENEM? ***

Mark only one oval.

- Sim
 Não

12. **k. Qual(is) visão(ões) você tinha acerca do Sertão nordestino antes de residir aqui? ***

Você pode escolher mais de uma resposta.

Check all that apply.

- Seca
 Fome / Pobreza / Miséria
 Fartura / Riqueza
 Violência
 Rica em belezas naturais, cultura e tradição
 Hospitalidade
 Outros

13. **l. Justifique sua(s) resposta(s) para a pergunta K, caso se sinta à vontade.**

14. **m. Como você avalia sua recepção por parte dos moradores de Delmiro Gouveia / Santana do Ipanema, considerando o fato de ser um(a) não nordestino(a)? ***

Mark only one oval.

- 1 2 3 4 5
-
- Péssima recepção Ótima recepção

19. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|--------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Chiado | <input type="radio"/> | Não chiado |

20. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|---------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Cantado | <input type="radio"/> | Não cantado |

21. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|-------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Claro | <input type="radio"/> | Confuso |

22. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|-----------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|--------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Agradável | <input type="radio"/> | Desagradável |

23. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Importante | <input type="radio"/> | Desimportante |

24. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|-------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Lento | <input type="radio"/> | Rápido |

25. **2. Atualmente, como você avalia o modo de falar (dialeto) dos sertanejos nordestinos com quem você tem contato? ***
Mark only one oval.

| | | | | | | |
|--------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Bonito | <input type="radio"/> | Feio |

26. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|--------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Chiado | <input type="radio"/> | Não chiado |

27. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|---------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Cantado | <input type="radio"/> | Não cantado |

28. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|-------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Claro | <input type="radio"/> | Confuso |

29. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|-----------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|--------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Agradável | <input type="radio"/> | Desagradável |

30. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Importante | <input type="radio"/> | Desimportante |

31. *Mark only one oval.*

| | | | | | | |
|-------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Lento | <input type="radio"/> | Rápido |

32. **3. Em sua opinião, a sua maneira de falar é mais bonita que a maneira de falar dos nordestinos? ***
Mark only one oval.

| | | | | | | |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Concordo plenamente | <input type="radio"/> | Discordo totalmente |

33. **4. Você percebe diferenças linguísticas entre seus colegas de turma da UFAL e os habitantes da cidade?**

Se possível, dê exemplos ou escreva depoimentos e impressões pessoais.

34. 5. Ao entrar em contato com o falar dos universitários nordestinos, o quão diferente você considerou do seu dialeto natal / do seu modo de falar? *

Atribua uma nota em uma escala de 1 a 10.

Mark only one oval.

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|----------------------|
| Completamente igual | <input type="radio"/> | Totalmente diferente |

35. 6. Em sua opinião, os dialetos de qual(is) falante(s) apresenta(m) um modo de falar bonito? *

Check all that apply.

- Sul
- Sudeste
- Centro-oeste
- Norte
- Nordeste
- Não acho bonito nenhum destes falares

36. 7. Após residir na Região Nordeste, quais seus principais "estranhamentos" em relação à linguagem, cultura, costumes/hábitos, vestuários, outros? *

Agradecemos sua participação! Sua contribuição para a ciência foi muito importante!

Colocamo-nos à disposição pelo e-mail taiana18@outlook.com

Send me a copy of my responses.